Guimarães, agora!

nº 6. Setembro de 2019 preço 1€ periocidade mensal
director José Eduardo Guimarães

ECONOMIA
& PME'S

CGD convida empresários
Encontro *"Fora da Caixa"* em Guimarães

Estratégia turística
Captar turista com o intangível vimaranense

Urbanismo industrial
Silvares vai ser centro do sector terciário

Unidade operativa conjuga interesses
JOM, Casais e Sofonte juntos em projecto inédito

José Oliveira (Bosch)
I9G é projecto imprescíndivel

Guilherme Pereira (UM)
I9G vai rejuvenescer as PME's

Feiras internacionais
Empresas de Guimarães mais presentes

Ideias para desenvolver economia

Ferrovia para ligar Lordelo às Taipas

EDITORIAL

Ouro para Guimarães

VÍTOR OLIVEIRA
vitor@guimaraesagora.pt

Guimarães premeia os seus desportistas há uma década num evento solene que encoraja os jovens talentos a permanecerem por cá, através da atribuição de Bolsas de Formação Desportiva. É um incentivo para os atletas vimaranenses e, ao fim de 10 anos, a Gala do Desporto volta a reconhecer, valorizar e distinguir anualmente os melhores. O número de clubes existentes no concelho de Guimarães, a aposta na formação de jovens atletas, o aumento de espaços verdes, zonas de lazer e recreio, o desporto escolar, formal e o informal, fazem do nosso Município uma das referências desportivas a nível nacional, em resultado de uma política de incentivos que conduzem à prática desportiva e cuja taxa de participação nos aproxima da média europeia. Ao longo dos anos, muitos têm sido os títulos alcançados, coroando épocas desportivas como marcos na história do desporto nacional. Temos um território com pessoas excecionalmente dinâmicas. E, neste particular, muito se deve ao trabalho dos nossos dirigentes que, em parceria com o Município, revelam um espírito empreendedor, dão a conhecer os seus projetos e a Autarquia – pela confiança que as ideias lhe merecem – investe na sua execução. Mais de que uma simples competição, a vertente desportiva é uma forma salutar de convívio entre as pessoas. Ideais como a amizade, o companheirismo e o *fair-play* são essenciais para o sucesso de qualquer associação. E a modalidade em que Guimarães pretende ser campeã é no índice da prática desportiva... Recentemente, foi efetuado um estudo sobre o impacto económico do desporto no Município de Guimarães. Entre outros dados, a análise meticulosa do Professor Fernando Perna revelou que 79% da população vimaranense efetua regularmente atividade física. E que os Vimaranenses sabem que o desporto e a realização de eventos desportivos são decisivos para a afirmação de Guimarães em Portugal e no Mundo. O estudo também nos diz que as pessoas que nos visitam motivadas pelo desporto e pelas ações associadas à componente desportiva ficam com uma imagem muito positiva sobre Guimarães. Que cerca de 95% pretende regressar nos próximos três anos. E que 76% recomenda o destino... Guimarães!

Pensar global e agir local...

OUTRO PONTO DE VISTA...

JOSÉ EDUARDO GUIMARÃES
jeguimaraes@guimaraesagora.pt

Lendo coisas muitos interessantes sobre o que se passa em Espanha ou se faz em Espanha, interessei-me em perceber o quanto o nosso vizinho faz pelas suas marcas e pelo comércio internacional, depois de estar no terreno, em algumas delas. A primeira é a de que a Espanha pensa ao largo e já se começam a projectar os desafios para os próximo 20 anos. Porquê? Porque os espanhóis se interessam muito pelas suas marcas e pela sua importância num contexto económico, globalizado, competitivo, de concorrência feroz e reconhecem que através delas diferenciam os seus produtos, expandem as suas empresas no mundo, ganham quotas de mercado, aumentam a oferta espanhola. Noutro plano, gerar confiança é muito importante nos negócios, por isso as marcas asseguram não apenas talento como partilham a cultura da empresa, o que gera confiança, logo permite fidelização de clientes. Internamente, as marcas fidelizam os seus trabalhadores - os primeiro embaixadores da marca - conservam o talento e por aí nascem os produtos - bons - com valor acrescentado, um bom serviço. E a Espanha - através das suas empresas - já não compete pelo preço, mas pelo diferenciação e pelo valor acrescentado dos seus produtos; investe no intangível (tecnologia, marca, inovação, desenho), apostando não apenas em vender mas vender melhor com maior valor acrescentado. E assim se internacionaliza, outro grande desafio, como estratégia e não como resposta à conjuntura. Muitas empresas perceberam que a sua sustentabilidade, o seu futuro, o seu crescimento, a sua competitividade, depende da sua internacionalização, pensado global e actuando localmente. É sabendo quais são os desafios futuros, que as marcas se organizam num Forúm, há já 20 anos, e com o apoio do governo, criam estruturas que ajudam as empresas a ir mais além, chamando as empresas para um desafio colectivo e menos individualista. Como é mais que sectorial este Forúm de marcas, por ali passam debates que mostram a realidade do sector exportador e se abordam questões importantes para os operadores. Há como uma responsabilidade colectiva em defender o que é de cada um e de todos ao mesmo tempo. Um património industrial e comercial, a internacionalização. É o caso do turismo, onde a Espanha recebe mais de 80 milhões de turistas por ano e na hora se discute a massificação que se sente em alguns dos seus destinos, a diversificação da sua oferta, a digitalização do sector, com clareza e com abertura. E o turismo oferece às marcas espanholas a possibilidade de cada turista ser o embaixador dos seus produtos e serviços, através de iniciativas pensadas e acertadas. Porque em Espanha não se tem uma ideia para o turismo, há, de facto, uma política de turismo, tal como há noutros sectores económicos. O dinamismo de internacionalização não depende de iniciativas avulsas, de eventos organizados para mostrar que se faz ou para agradar ao *Ayuntamiento*. Os primeiros interessados em que algo se defina são os operadores do sector, as empresas e os empresários, cuja dinâmica não tem de ser sentida apenas dentro da empresa, mas cá fora e na sociedade em geral. Em Guimarães, marcas, empresas e empresários, precisam de organizaram-se, defender o que cada um tem de melhor para defender o todo que dá nome a Guimarães, de cabeça erguida, interessadamente e agir não por convite mas por necessidade e estratégia.

PROTAGONISTAS

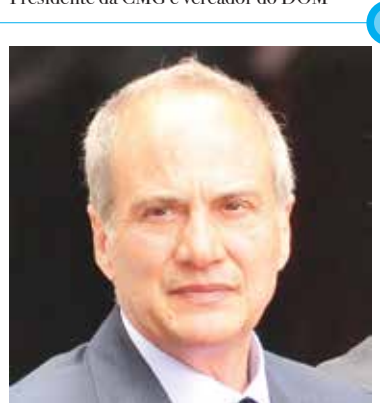
SEARA DE SÁ
Vereador do Urbanismo CMG

A utilização de novos instrumentos e mecanismos no Urbanismo pode servir para atender de forma mais célere as pretensões da iniciativa privada. A criação de uma unidade de execução de uma operação urbanística em Silvares mostra isso mesmo e pode ser a resposta para o dinamismo que os empresários locais estão a mostrar neste sector.

TURISMO
Destino e local

O que Guimarães quer ser em termos de turismo? Dificilmente um destino, porque isso implicava permanência de turistas numa estadia mínima superior a oito dias, com um parque hoteleiro a poder albergar milhares de camas; porventura será mais fácil continuar um local turístico pela sua dimensão, infra-estruturas e pela sua projecção internacional.

DOMINGOS BRAGANÇA
Presidente da CMG e vereador do DOM



O financiamento para um plano de investimentos com obras prioritárias na rede viária, como é o caso da estrada que liga Fermentões a Selho S. Lourenço e a rotunda que facilitará a mobilidade Guimarães-S. Torcato é garantia de uma opção que se justifica dado o estado de degradação geral de alguns vias que não são uma boa montra de Guimarães.

VÍTOR ABREU
CEO Endutex

A FRASE "..."

Esta administração da CGD está a passar a imagem de um futuro melhor para a instituição, logo para as empresas.

A CGD trouxe a Guimarães uma iniciativa interessante: os encontros *"Fora da Caixa"* que realiza pelo país, com empresários da região. A ideia é ouvir os empresários e deixar que eles digam quais as difilcudades que vão sentindo na gestão das suas empresas. Numa manhã foi possível conciliar esses desabafos, com a projecção económica do seu presidente para o país e para os tempos mais próximos e olhar para a história, segundo a perspectiva de João Miguel Tavares e Rui Ramos. É que o programa *"O Resto é história"*, da rádio Observador, foi gravado no Vila Flôr com *"contos e apontamentos"* curiosos não só sobre o castelo de Guimarães como também pelas peripécias à volta do nascimento da nacionalidade e do papel de Guimarães no nascimento do Reino.

Sector perde força e coesão

ACIG empurra para falência associativismo comercial

Texto de: José Eduardo Guimarães

▸ A ACIG, com 153 anos de história, não resistiu às megalomanias da gestão das últimas décadas. A insolvência é o final fatal que poucos admitiam, depois de não se ter consumado a sua recuperação através do PER.

A venda do edifício da ACIG, um imóvel notável na Rua da Rainha D. Maria II, não foi consumada. Logo não produziu a receita necessária ao pagamento das dívidas. A direcção procurava 3,2 milhões de euros para viabilizar uma associação que representava mais comerciantes do que industriais.

As propostas apresentadas por uma empresa de sucatas de Braga foi de 611 mil euros, numa primeira abordagem. Chegaria depois aos 1,555 mil euros mas aquele valor não dava para pagar aos trabalhadores (cerca de 1 milhão), aos bancos, em créditos hipotecários (1 milhão) e à Segurança e Autoridade Tributária, Agência para a Coesão e outros na ordem também em valores de 1,2 milhões.

Os sócios - poucos - que assistiram à ultima assembleia geral, de 19 de Setembro, perceberam que o cenário negro em que a associação estava não podia viabilizar os propósitos da direcção. E o edifício sede vai agora ser vendido ou leiloado em processo de insolvência que vai ser activado para pôr fim a uma associação com 150 anos de história. E alguns bons serviços prestados à causa vimaranense, enquanto parceiro activo da organização das festas Gualterianas, promotor de acções de formação profissional.

Para já, a CISAVE a escola profissional que era o braço armado para a formação de jovens, foi vendida. Quem comprou a escola foi a Associação Empresarial de Fafe e Basto, uma venda que visou salvaguardar activos e subsídios, de modo a não perder-se o início do ano escolar.

O Plano Especial de Recuperação - PER - em preparação e sempre dependente da venda ou não do edifício sede vai dar lugar a um pedido de insolvência. A ACIG face à falta de compradores - pelo valor desejado - do seu vestuto imóvel - não pode dar aos credores qualquer garantia de recuperação e salvação. E a insolvência segue as suas rotinas e processos administrativos.

A situação da ACIG levou também à falência do associativismo comercial, apesar de, no entretanto, terem surgido mais duas associações - a da hotelaria e do comércio tradicional, uma proliferação e pluralidade de interesses que retira força a qualquer movimento associativo.

DUAS
O associativismo comercial perde influência mesmo com mais duas associações.

Nos últimos anos, notava-se que a ACIG já não representava quase nada nem ninguém e que vivia para dentro de si e para os seus problemas, impotente para cumprir com as suas responsabilidades.

A actual - e última - direcção presidida por Filipe Vilas Boas fica com a ingrata tarefa e funções de comissão liquidatária, numa altura em que ACIG já fechou portas, a maior parte dos funcionárias desertaram e procuraram outras colocações. Alguns ameaçaram a ACIG com processos judiciais que tornaram insuportável a sua gestão numa fase crítica da sua existência e num momento em que o PER era tido como a mezinha que podia trazer a cura à que foi sempre - e durante muito tempo - a associação representativa dos comerciantes de Guimarães.

Apesar dos apelos e da procura de soluções alternativas, Filipe Vilas Boas e seus pares acabaram por não ver o *"renascimento"* da associação como era seu objectivo.

A ACIG já não podia viver com o impacto de uma gestão megalomana, com erros fatais, numa altura até em que podia assumir alguma liderança face ao contexto económico e social e ser porta voz de interesses ligados ao comércio e à indústria.

Mas a associação andou sempre à sombra de *"gestores"* de boa vontade, sem rasgo nem iniciativa que foram onerando o futuro económico e financeiro da ACIG por apostas que se revelaram inúteis e onerosas.

O resultado está à vista, a insolvência é mesmo o auto final de uma peça dramática que deita por terra todos os esforços de ter uma verdadeira associação comercial e industrial em Guimarães.

Segue-se agora um novo devir protagonizado por associações mais especificas que não de sector, mais limitadas, pouco representativas, e sem força para terem algum papel na defesa do comércio em geral no concelho.

Perde-se um parceiro - nas Gualterianas - onde a ACIG teve história para contar - e um interlocutor nas questões que se prendem com a dinamização da cidade, em termos comerciais. ■

A ACIG morre sem deixar herdeiros.

ENTREVISTA

Parque de Camões já é uma âncora para dinamizar centro da cidade

Mais *"cidade"* para as pessoas e menos para os carros

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ Ricardo Costa tornou-se numa espécie de Ministro da Economia na vereação municipal. É a figura que Domingos Bragança escolheu para mudar o paradigma da relação entre o Município e os empresários. Seis anos depois, poucos estarão em desacordo com esta decisão e com esta escolha porque há hoje uma relação de proximidade entre as empresas e empresários com o Município muito mais confiável e Ricardo Costa não se tem poupado esforços para que, na Câmara Municipal, o semáforo das decisões dos interesses e petições vindos das empresas, que impliquem investimento, esteja sempre verde ou quando muito amarelo e nunca vermelho. Nesta entrevista, o vereador fala sobre a área económica, do que o Município pode fazer pela afirmação internacional de Guimarães, complementando as empresas, de qual é a estratégia para mostrar um território aberto à instalação de empresas mais tecnológicas e de capital estrangeiro. Faz apreciações sobre o Guimarães económico e digital; defende medidas arrojadas para revitalizar o coração da cidade comercial com a instalação de marcas internacionais e de prestígio do mundo da moda e ou da beleza, incluindo serviços; aponta o dedo às ruas que devem fechar ao trânsito, e deixando-as para as pessoas e para o comércio sobe pena de o centro urbano continuar a definhar e perder o estatuto de praça comercial dinâmica e activa. O parque de estacionamento de Camões pode ser a âncora para acomodar os automóveis e dar vida ao coração da cidade indicando a decisão sobre o fecho de algumas artérias ao trânsito automóvel.

Guimarães, agora! - Que opinião tem sobre a economia de Guimarães?
Ricardo Costa - É pujante, sem dúvida, muito industrial mas em relação ao futuro estamos a dar passos para ser mais diferenciadores. Desejamos uma economia mais sustentável, ainda mais amiga do ambiente, com mais responsabilidade social e muito mais tecnológica. Os empresários devem pensar naquilo que se entende e identifica por *internet* das coisas e da transformação digital. A interacção entre o humano e *robot* vai acentuar-se, pois, pensamos já na sociedade 5.0 quando a indústria 4.0 começa a alterar o modelo económico. Vai fazer-se muito investimento na transformação digital e na tecnologia.

GA! - E por sectores? O comércio onde a grande distribuição com as grandes superfícies mudam o sector...
RC - O comércio de per si é uma área que não evidencia os problemas que tem. Mas que os há... há! Em Guimarães, por exemplo, o centro da cidade precisa de marcas fortes, internacionais. E são precisas algumas medidas corajosas para atrair essas marcas... que chamam as pessoas.

GA! - E que medidas são essas?
RC - Desde alterações e cortes de trânsito, da fluidez do tráfego, de reabilitação urbana, de criação de condições de atractividade das praças de Guimarães, desde a sua animação à promoção eventos próprios relacionados com a actividade comercial. E da criação de conforto para quem quer e tem de fazer vida na cidade ou de quem nos visita. A dinamização do comércio de rua, de centro de cidade impõe que algumas artérias não tenham uso automóvel. É inevitável e imprescindível. E incontornável. A cidade em si tem de ter mais pessoas nas ruas, nas esplanadas, no comércio ou em convívio, do que carros. Precisa de um ar mais urbano, e citadino e mais humanizado.

> "O centro da cidade precisa de marcas fortes, internacionais. E são precisas algumas medidas corajosas ."

GA! - O parque de estacionamento de Camões foi o primeiro passo, para essa nova cidade comercial?
RC - Para além de aposta ganha, o parque de Camões é um equipamento necessário concebido para responder a várias necessidades e ambições. É uma referência em termos de arquitectura - tem uma beleza singular - e de urbanismo - ninguém nota a sua dimensão -, tem qualidade e dimensão adequada. A sua importância e impacto na vida da cidade, na qualidade de vida, pode ver-se à distância mas sentir-se-á mais no futuro por se constituir num ponto da cidade que é catalisador e fundamental para a dinamização de vários quarteirões em redor do Toural. E sem que se tenha destruído a cidade ou esventrado o seu subsolo, é, de facto, um equipamento com repercussão no coração da cidade que permitirá à Câmara tomar decisões mais ousadas, de modo a

Ricardo Costa entende que Guimarães pode ser mais cosmopolita.

ENTREVISTA

"Esta qualidade de vida, ninguém a tira a Guimarães e os turistas e visitantes são os primeiros a gozar desta vivência."

reinventar o centro de Guimarães onde muitos turistas passam e muitos vimaranenses querem fruir de vários modos. Será uma marca do mandato do presidente Domingos Bragança, como se verá no futuro a médio e longo prazo porque no curto prazo a sua função de parque de estacionamento é já uma garantia.

GA! - Não falou da restauração enquanto parte do sector de comércio?
RC - O que noto, relativamente à cidade, é que Guimarães deu um passo importante enquanto urbe. E os inúmeros estabelecimentos que abriram, à volta do centro histórico, dão a Guimarães um estatuto mais cosmopolita, dada a variedade de espaços de comer que surgiram após 2012. É sempre um prazer jantar à beira das praças, percorrer depois as ruas e ruelas, a companhia da família ou dos amigos, parar numa praça e assistir a um evento musical e cultural. Esta qualidade de vida, ninguém a tira a Guimarães e os turistas e visitantes são os primeiros a gozar desta vivência

Uma cidade de conhecimento traz as pessoas e famílias para as praças.

urbana que a nossa pequena mas grande cidade proporciona.

GA! - E sobre o turismo, incluindo a hotelaria?
RC - Guimarães precisa e vai ter mais hóteis. Incluindo hóteis de marcas internacionais. Um hotel para férias ou para estadias de trabalho, procura-se hoje através de redes comerciais como o *Booking* e outros. E as marcas internacionais têm um papel decisivo na distribuição das pessoas pelos territórios, dando-lhes a conhecer as várias opções. E Guimarães precisa de, por exemplo, um Marriott - Braga tem o Meliã - de modo a alargar a oferta e tornar-se mais competitivo na hotelaria. Há já duas marcas internacionais que estão num processo de avaliação da sua implantação em Guimarães, no centro e nas entradas da cidade.

GA! - E sobre a indústria?
RC - Reitero o que já disse atrás, acrescentando que o que vai acontecer na indústria é o que já acontece na medicina. Vamos assistir a uma personalização da economia. Ou seja, para que nós tenhamos a consciência ambiental, da economia circular e da transformação digital, só através da personalização é que venceremos este desafio. Porque se eu quero uma camisa, ela só será produzida se eu a comprar. O mesmo acontece com os sapatos e outros produtos. Este processo de transformação digital trará enormes mudanças. Tudo será feito como um fato à medida. E a robotização também trará outras transformações tal como a digitalização de processos e tarefas.

GA! - E o que lhe parece o sector dos serviços?
RC - De uma forma geral, o sector não está como era pelas inúmeras transformações no modo de viver. Já tivemos mais bancos e a racionalidade de gestão obrigou a que se fechassem alguns balcões; já tivemos mais médicos a exercerem a medicina e agora há mais clínicas que agrupam diversos serviços clínicos. Na administração pública, acontece o mesmo não há dinheiro que pague a duplicação de serviços. E até digitalização permite ao cidadão fazer muita coisa em casa, junto a um computador, ou na rua com um *tablet* ou um telemóvel. Guimarães enquanto praça de serviços, tal como outras cidades, sentiu esta evolução e revolução tecnológica. E surgiram outras soluções. Os Registos concentraram-se, há agora um Espaço Empresa na Plataforma das Artes, os Espaços do Cidadão espalharam-se pelas freguesias onde se prestam muitos serviços que antes só se faziam na cidade, nas ditas repartições disto e daquilo. A desmaterialização e o processo digital foram reformando práticas e tarefas, todas em benefício do cidadão que tem de fazer o esforço para viver neste enquadramento mais fácil, mais económico e até mais rápido. Também, na Câmara não há já uma necessidade absoluta de lá ir por tudo e por nada. Cada vez mais estaremos à distância de um *click*.

"Este processo de transformação digital trará enormes mudanças. Tudo será feito como um fato à medida."

GA! - Falta a agricultura, como avalia o sector?
RC - É um sector que se tem mostrado dinâmico em culturas não tradicionais e de menor mão de obra intensiva. Há boas unidades na produção de kiwis, por exemplo, e outros frutos mais exóticos. No vinho, há mais explorações ainda que de dimensão reduzida. O paradigma do milho, centeio e gado sofreu o impacto da entrada na União Europeia e a região nunca soube ultrapassar as limitações que impõe a propriedade de minifúndio.

GA! - O desemprego já não é um flagelo?
RC - Foi possível inverter o cenário e a taxa actual é de 6,5% mas não me preocupam os números mas o tipo de pessoas que não tem trabalho. São jovens, são pessoas com mais de 55 anos? Porque é que o mercado não os acolhe? Por isso, a Academia para a Economia, cujo projecto apresentamos recentemente se justifica. Queremos direcionar as pessoas, aproveitando o melhor que elas têm, reconvertendo-as para aquilo que o mercado está a precisar. ■

INTERNACIONALIZAÇÃO DA CIDADE

Continuar 2012 para projectar Guimarães no mundo

Maior internacionalização pela economia

▶ Com Portugal na União Europeia, a internacionalização e projecção de Guimarães tem efeitos seguros na economia de Guimarães, concelho exportador, anfiteatro de culturas, palco de espectáculos e eventos internacionais diversos. Pela via económica, Guimarães pode ter um reconhecimento através dos embaixadores económicos, onde são feitos produtos de excelência no têxtil, no calçado, na cutelaria. E com isso acentuar o turismo que cresce, a cada dia, pelo contigente de pessoas que visita o centro histórico e deve conhecer Guimarães na sua totalidade.

GA! - Que estratégia tem o Município para internacionalizar e projectar Guimarães no mundo?
RC - Há várias dimensões dessa projecção: a do património e turismo, área que é utilizada sinergicamente pela via do Guimarães Marca, no âmbito de uma estratégia de marketing territorial que arrasta várias marcas e factos marcantes da nossa história colectiva mais recente. Quando Guimarães se tornou Património da Humanidade em 2001, e entrou no clube das Capitais Europeias da Cultura em 2012 e no grupo das Capitais Europeias do Desporto em 2013, adquiriu um estatuto e pergaminhos que contribuíram para a sua internacionalização efectiva e para uma projecção mundial também no contexto das cidades com maior visibilidade. Esses pergaminhos são factores que potenciam as estratégias de internacionalização de ontem, de hoje e de amanhã.

GA! - E, hoje, recolhem-se os frutos desse reconhecimento internacional, pela escolha da cidade como destino e percurso turístico...
RC - Há claro sinais de que a forma como Guimarães se projectou nessas datas permitiu que depois melhor fosse conhecido e compreendido o seu património e o seu centro histórico, a sua história e o seu estatuto de primeira capital de Portugal. Colhemos o resultado desse impacto positivo pela afirmação da cidade enquanto território. E mais remotamente pela história e pela marca indelével do "*Aqui Nasceu Portugal*" e pelo património que foi construído ao longo dos tempos.

GA! - O que também acontece agora pela afirmação de algumas marcas, de produtos que marcam a excelência do têxtil-lar, do calçado e da cutelaria...
RC - Obviamente que a partir daí foi possível, com o Guimarães Marca, marcar presença em feiras internacionais de relevo pela via da economia e das empresas, e qualificar ainda mais a internacionalização da cidade, o que até agora nunca tinha sido conseguido. Neste aproveitar de sinergias, emergem as nossas marcas: a da cidade e de Guimarães enquanto urbe histórica e patrimonial, e a das empresas cuja projecção corporativa - pela via dos seus produtos - é agora aliada ao território onde se implantam essas marcas. E todas elas se afirmam internacionalmente hoje. É bom notar que vivemos já neste mundo dinâmico e competitivo um processo de afirmação maior das cidades do que de países, as cidades como sedes de um aglomerado de interesses económicos, como palco de actividades culturais oriundas de vários países e povos, de cidades que são marcadas pela componente do seu urbanismo arrojado. Também pela via do desporto onde os clubes e modalidades são distintivas e sustentam a afirmação das cidades, num contexto mais global e menos paroquial. E locais onde se afirma o conhecimento e a investigação.

GA! - Porém, nem tudo está feito no plano da afirmação da cidade no contexto internacional...
RC - O impacto que ainda se vai sentir com o nome de Guimarães e das marcas dos seus produtos vai continuar porque ainda estamos no princípio da afirmação de Guimarães como um todo. E é importante que continuemos a seguir uma bitola de qualidade para que essa afirmação nos garanta uma projecção em todos os continentes. E até pela via das empresas cujos produtos são exportados para novos mercados, mais longínquos, mas ainda assim interessantes do ponto de vista económico. E que podem arrastar o conhecimento sobre Guimarães a países do eixo mais emergente de momento. Temos bons embaixadores económicos para garantir uma projecção internacional mais sustentável. Pelo prestígio que a Universidade do Minho e as suas escolas tem adquirido na Europa, também é de esperar, por essa via, um acréscimo da afirmação internacional de Guimarães. O que já vai acontecendo. E também pela via do desporto, haverá uma parte de afirmação, não apenas pelas performances desportivas de clubes e atletas, como pela realização em Guimarães de constantes provas internacionais, como aconteceu recentemente com a Ginástica. E com o campeonato do mundo de tiro.

GA! - Qual acha que seja o valor da projecção de Guimarães no contexto internacional? Pode medir-se? E onde se pode investir mais?

RC - Há uma insuficiência de recursos natural que nos balizam nas nossas ambições, para uma projecção mais ambiciosa pela via económica, que nos impõe limitações e opções. Mas é bom que reconheçamos que após 2012 temos feito um trabalho, definido por Domingos Bragança ao criar a Divisão de Desenvolvimento Económico, verdade seja dita, que dá uma importância ímpar ao tecido económico, cujo impacto ainda é cedo para avaliar e dele poder esperar resultados. Contudo, ao nível das empresas já pode ser valorado pelos contributos e apoios que as empresas garantem em situações de investimento. Mas vamos continuar com a mesma ambição, alocando mais recursos para essa projecção internacional, encontrando novos caminhos e novas estratégias, até com a cooperação das empresas. E atribuindo ao nosso esforço mais o valor de um investimento e menos o valor de um custo. E internacionalizar cada vez mais a marca Guimarães com o seu tecido económico é fundamental.

GA! - Afirmando, também, as mais valias do território?
RC - Sim, Guimarães tem condições para consolidar um estatuto de ser um território bom para investir, competitivo, que conta, por ter um ecossistema quase perfeito: uma cidade com notoriedade, um território competitivo, uma Universidade que forma pessoas e vive numa simbiose entre o governo local e os centros de conhecimento. Uma cidade amiga do ambiente e mais verde. Só precisamos que as empresas entrem neste triângulo para que possam ser criados projectos claros e inovadores para a indústria.

GA! - E assim se completa essa estratégia de internacionalização?
RC - Quando lançamos o I9G, uma proposta de inovação para a indústria teve em conta tudo isto: aliar a governação, ao conhecimento e o tecido produtivo. Este projecto só precisa agora de ter uma decisão rápida, de quem decide, e de quem comanda. E que o entendam como imprescindível para a região. ■

Ideias que podem ser projectos e que marcarão Guimarães no futuro

Ferrovia entre Lordelo e Taipas e cidade do conhecimento e da tecnologia

▶ A ligação de Ricardo Costa às empresas e aos empresários e ao território económico, permite-lhe sustentar projectos que possam desenvolver ainda mais o tecido económico. Podem ser ideias, apontamentos para alguma análise que se faz quando se conhecem outras realidades, abordagens que podem transformar em projectos e marcar o futuro, de curto ou médio prazo. Se a realidade do concelho evidencia um tecido económico, dinâmico, especializado, também diversificado, polarizado e espalhado pelo território, também evidencia a falta de projectos estruturantes em que assenta o desenvolvimento. E que podem ser o contributo do sector público para um concelho mais pujante e desenvolvido. São ideias que fermentarão a sustentabilidade do território e que ajudariam ao Guimarães mais verde que se constrói na área do ambiente. E que se quer como marca mas também como opção para mudar, transformar ou revolucionar o território.

GA! - No seu entendimento, que projectos na área da mobilidade ou do território, Guimarães precisava para uma maior sustentabilidade do seu tecido económico?
RC - Um projecto que podia ser revolucionário era a ligação do eixo industrial Lordelo/Taipas pela ferrovia, ligando o território neste eixo e incluindo a cidade - e os seus serviços - no seu trajecto. Este eixo de ferrovia traria enormes contributos ao ambiente, seria um veículo preferencial das pessoas porque a sua génese assentaria na comodidade, na confiança e no comprometimento. Quem o utilizasse sabia que podia ter um meio de transporte fiável, que cumprisse horários, e com comodidade para servir de alternativa segura para o emprego, para ir ao médico, uma plataforma de transporte de nível europeu, com segurança e rentável do ponto de vista económico. É um modelo de futuro que muito contribuiria até para a coesão social do território. A cidade e as freguesias ficavam mais aproximadas e era um meio de transporte que se encaixava bem, até do ponto de vista da organização, da gestão e dos custos, na esfera do Município. Retiraria, por certo, carros à cidade e seria muito amigo do ambiente e do estatuto verde que Guimarães luta por ser reconhecido.

GA! - E para a projecção internacional de Guimarães?
RC - Lutar por ser reconhecidamente uma cidade tecnológica e de conhecimento. Levando à polarização da Universidade pela cidade, apostando na captação de empresas de produção de *software*, de *design* para colaborar com a indústria têxtil, calçado e cutelarias e apoiando serviços. E elevando a categoria e a remuneração do trabalho, captando cidadãos que aportem massa crítica, aproveitando até o investimento que se faz na cultura. No fundo, é fazer o que sempre se deseja e fala que é espalhar o conhecimento da Universidade pelo território, aproveitando o trabalho da escola de engenharia, multiplicando empresas e serviços na área da tecnologia e da inovação, complementando o I9G. Este ambiente tecnológico aliado à beleza e valor do centro histórico, daria a Guimarães um estatuto inigualável, um desafio permanente na área do digital, onde o futuro assentará nas áreas que mais interessam e servem o cidadão. E mesmo com a inteligência artificial, poder-se-iam implementar projectos interessantes, fixando por cá investigadores, gente da ciência e da tecnologia. E somos nós que temos de erguer esta bandeira. Não será nunca nenhum governo do país que nos vai empurrar para estas soluções. São os vimaranenses, são os políticos da terra. Hoje, as cidades são a força dos países, depende de nós, o querer fazer de Guimarães, uma cidade de horizontes largos mas realistas, ambiciosos mas concretizáveis, alcançáveis porque se balizam e sustentam na sua realidade económica. Guimarães passaria a ser uma cidade do mundo e teria o mundo dentro de si. Haja vontade porque os meios existem. ■

Era slogan, passou a conceito e agora é um processo

"Guimarães Marca" em afirmação

▶ Tornou-se num slogan mas também é um conceito. O *"Guimarães Marca"* gira em torno de marcas fortes que Guimarães tem e por isso, também, é um processo cuja estrutura se consolida dentro do Município, de modo a dar resposta à economia e às empresas.

GA! - O que trouxe até agora o *"Guimarães Marca"*?
RC - Um conjunto de acções onde o Município se empenha e ao qual dedica recursos financeiros. Por exemplo, a missão inversa de internacionalização – trazer a Guimarães *"stakeholders"* potenciais compradores, fornecedores e jornalistas de órgãos especializados, em vários mercados - durante uma semana torna a nossa cidade um palco do mundo do têxtil-lar. A Pousada de Santa Marinha fica com os seus quartos ocupados pelas empresas e ali são feitas as mostras de produtos e se recebem clientes, que mais tarde culmina com visitas a fábricas, dando a conhecer o local onde faz o produto. É um universo de cerca de 300 pessoas que para além dos negócios que podem fazer aliam a sua visita profissional com visitas à cidade, de turismo e de cultura, o que amplia o conhecimento que levam desta terra. E que depois chegam a repetir apenas querendo conhecer mais e melhor sobre Guimarães e a sua cultura. Por outro, um agrupamento e união das empresas que podem ensaiar a sua promoção colectiva, cooperando noutras áreas.

GA! - Pode fazer uma balanço dessa acção?
RC - Quem deve fazer o balanço desta acção inversa são as empresas. Sobre a internacionalização de Guimarães, o que se pode dizer é que há muitos sinais de que o balanço é positivo, ao fim de seis anos. Temos aberto portas em tudo o que é feiras internacionais - com o Governo - seja em Frankfurt, Milão, Paris e outras cidades europeias. Conseguimos levar Guimarães ao mundo. A afirmação de Guimarães tem sido constante, do ponto de vista do território, do mundo empresarial e da qualidade que Guimarães tem ao nível industrial.

GA! - Qual é o *feedback* que os empresários lhes deixam?
RC - Muito positivo. Tenho uma proximidade com as empresas e os empresários que é reconhecida. É uma abertura notória e sente-se. Recebo várias mensagens de congratulação e apoio pelo que temos feito. Mas quem deve ser ouvido sobre a nova divisão e quem está à frente dela, são os empresários. ■

GUIMARÃES MARCA - Números -

INTERNACIONALMENTE COMPETITIVAS:
VOLUME DE EXPORTAÇÕES
64% | 275,9 M€/ANO

GRANDE EQUILÍBRIO:
AUTONOMIA FINANCEIRA
44%
GRAU DE SOLVABILIDADE
109%

CAPACIDADE EMPRESARIAL E PODER COMPETITIVO:
POSTOS DE TRABALHO
4.529
VOLUME DE NEGÓCIOS
434,1 M€/ANO

PODER DE CRIAÇÃO DE RIQUEZA:
RÁCIO DE COBERTURA DAS IMPORTAÇÕES
282%
CONTRIBUIÇÃO PARA O PIB NACIONAL
127,6 M€/ANO
ENTREGA DE RECEITA EM IMPOSTO
5,7 M€/ANO

ISENÇÕES PARA AS EMPRESAS

Programa de incentivos municipal para o investimento

Redução em taxas e licenças e IMI e IMT

▶ A Câmara Municipal passou a isentar as empresas, reduzindo-lhe impostos e taxas e licenças apenas em situações de investimento. Um contributo que os empresários passaram a utilizar e cujo contributo não tem impacto declarado nas receitas municipais por as reduções serem feitas a montante, antes de se orçamentarem na receita municipal.

GA! - Valeu a pena instituir o programa de incentivos fiscais conhecido por Projecto Económico de Interesse Municipal - PEIM?
RC - Os Projectos de Económico de Interesse Municipal - valem sempre a pena por si e pelo que representam para as empresas. É um sinal que o Município reconhece nas empresas um parceiro para o desenvolvimento e promoção de Guimarães. Primeiro pela redução de taxas e licenças - para quem obedecer aos critérios do seu regulamento - tem logo 50% de redução nas taxas e licenças municipais. Em segundo, na questão dos impostos - que são receita municipal - IMI e IMT podem atingir reduções da ordem dos 70 a 90%.

GA! - Em números, isso traduz-se em que ordem de benefícios?
RC - O IMI pode representar para cada empresa uma redução de dois ou três mil euros anuais. O IMT - dependendo do valor da escritura - de umas centenas largas de euros. Cada caso é um caso. A principal vantagem destas reduções - para além dos números - é que estes benefícios aproximaram as empresas do Município. Percebe-se que há uma relação diferente por causa deste instrumento financeiro. Há quem não aproveite estas vantagens por razões diversas. O tempo do empresário é diferente, do tempo dos académicos e dos políticos... É tudo para ontem e tudo tem de ser muito rápido, senão perdem negócios e perdem clientes. E nós temos de ser capazes de responder a esta nova realidade.

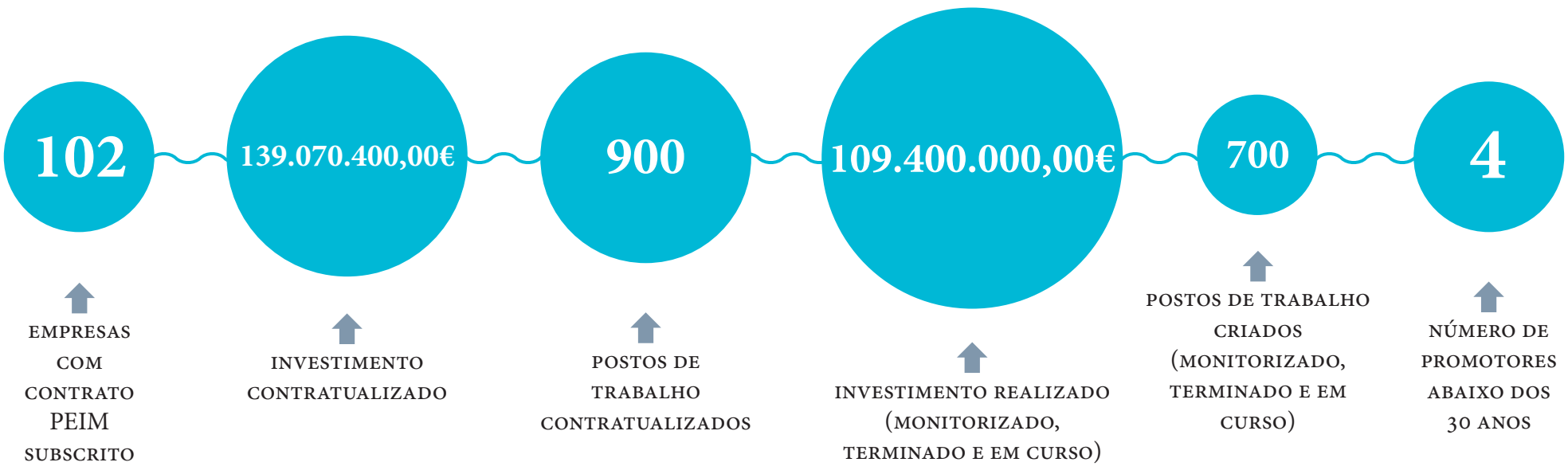
Muitos esperam que as decisões da CMG sejam mais rápidas.

GA! - Qual tem sido o impacto destas reduções nas receitas municipais?
RC - Como os impostos têm vindo a subir em termos de volume, acabamos por não ter em conta o impacto desta redução. Podemos contabilizar o que deixamos de receber. Mas eu prefiro antes dizer o que ganhamos com esta redução de receitas municipais. Quando ajudamos a criar emprego, estamos a garantir emprego para mais pessoas, ajudamos a fixar pessoas, porventura a ter mais gente feliz e com condições de poder ajudar a subir a natalidade, logo a rejuvenescer o concelho. Portanto, prefiro ver e medir o impacto na sociedade destes apoios e destas medidas do que medir o impacto da redução de impostos. Em 2013, tinhamos uma taxa de desemprego de 13,5% hoje é de 6,5% para esta baixa contribuíram a conjuntura mundial, as políticas do governo e do Município numa conjugação de factores e harmonia perfeitas.

GA! - Como é que a Câmara controla estes benefícios?
RC - Todos os anos há um relatório que vai à Assembleia Municipal com os benefícios dados às empresas. ■

> "Estamos a garantir emprego para mais pessoas, ajudamos a fixar pessoas, porventura a ter mais gente feliz e com condições."

NÚMEROS SOBRE OS PROJECTOS ECONÓMICOS DE INTERESSE MUNICIPAL - PEIM



Os licenciamentos industriais e a ligação à Galiza

Guimarães de hoje aos olhos do vereador

▶ Ricardo Costa tem convicções e tem opiniões. Não mete a cabeça na areia e gosta de responder a todos os desafios. Diz o que pensa sobre a relação Município e a Universidade do Minho e a falta ou não de investimento privado estrangeiro.

GA! - Que retrato tem do Guimarães, de hoje... económico, tecnológico ou digital...
RC - Não podemos ter duas realidades porque o problema é primeiro do país. Onde tudo começa é na escola... uma criança nasce quase com um telemóvel na mão. Quando vai para a escola, recebe um livro, abre-o e carrega numa página a ver se a página muda de sítio porque num telemóvel, num *iPad* ou num *android* qualquer, pondo o dedo, é isso que faz. A seguir, percebendo que não muda a página, fecha o livro... Uso este termo de comparação porquê? É muito desmotivador, uma criança nascida já numa era tecnológica, vá ou não para a escola, que experimentou antes, em casa, um telemóvel, com acesso a uma rede de dados aberto, com um nível tecnológico já avançado, e quando chega à escola parece que andou para trás 30 anos. Não tem esta noção porque não sabia como era lá atrás. Mas nós, responsáveis políticos, temos de ser indutores do que deve ser a educação. E o que eu acho é que as nossas escolas não estão preparadas para o século XXI ou XXII. Uma criança quando sai de casa tem tudo à mão de semear e quando chega a uma escola tem um livro que lhe dão e não meios para o desenvolvimento tecnológico que possam motivar uma criança a aprender e a estudar. Isto deve ser repensado... mais pelas tecnologias que tem de utilizar. Eu sei que em Guimarães até temos escolas com quadros interactivos com um nível de desenvolvimento importante mas isto é um problema do país... Temos de apostar na base e a base é a educação. A tendência já não é a do mono produto, tudo gira à volta do produto e do serviço, é isso que lhe dá valor acrescentado. Na têxtil, começa a perceber-se melhor a *internet* das coisas.

O vereador da Economia gosta de dizer o que pensa.

GA! - A política de captação de investimentos, de fora do território, motiva alguma polémica e discussão. O que faz ou não Guimarães?
RC - A nossa oposição usa a demagogia pura: utiliza o que fazem os outros concelhos quando lhe dá jeito; e também não usa quando não lhe dá jeito. Um exemplo: a empresa Mundifios ia para Famalicão e aqui d'el rei fez-se um alarido quando deu jeito. Agora que a Mundifios fica em Guimarães e já não vai para Famalicão fica queda e muda. Mas vejamos, este pequeno balanço, sobre o investimento estrangeiro: a Armatis, instalou na Avenida Conde de Margaride, um *contact-center* onde empregou 400 pessoas. Outro exemplo, vem da ACR Europa um grupo brasileiro que fez um investimento de 13 milhões de euros. Contudo, há um dado que nos separa de outros concelhos, que é o da dependência - em volume de negócios e empregabilidade - desse concelho em relação às empresas que aqui investem. Nós, em Guimarães, temos uma dependência de apenas 6% em relação às empresas internacionais. Em Famalicão, essa dependência é de 40% e estamos a falar de uma empresa apenas. Claro que Guimarães tem cá grupos internacionais, não com a expressão da Bosch, em Braga, ou da Continental/Mabor, em Famalicão. Preferencialmente, a dependência do concelho dessas empresas deve ser variável (de muitas empresas) e não exclusiva (de uma ou duas empresas). O risco que se tem, quando algo corre mal, é menor se a nossa dependência não é única mas dispersa. Guimarães tem uma diversificação de tipos de negócio significativo, desde a cutelaria, aos têxteis, calçado, à investigação - o Instituto Cidade de Guimarães vai começar a sua obra, agora em Outubro, de 3,5 milhões de euros de investimento numa candidatura de 100 milhões de euros, apoiada pelo Horizonte 2020. Vamos ter mais de 200 investigadores a produzir conhecimento - logo significa captação de investimento e de captação de propriedade intelectual internacional cuja mais valia favorecerá, por certo, o tecido económico.

GA! - Mas há uma estratégia?
RC - Quando vamos com ou à AICEP, quando vamos a feiras internacionais onde estão muitas das nossas empresas, ou quando marcamos presença nas plataformas digitais que a AICEP disponibiliza, nesses contactos que fazemos apresentamos um dossier mostrando o que Guimarães tem, uma espécie de guião de investimento municipal, *"vendendo"* e apresentando Guimarães com aquilo que somos.

GA! - Há projectos que podem mostrar que Guimarães é preferido por quem investe?
RC - A Câmara recebeu propostas, de duas empresas tecnológicas, que mostram intenção de investimento e criação de emprego qualificado - com 100 engenheiros. São empresas internacionais que percebem que há aqui um potencial de formação com a escola de Engenharia da Universidade do Minho e querem instalar-se por aqui.

> "Em Guimarães, temos uma dependência de apenas 6% em relação às empresas internacionais."

GA! - Como vê a velocidade de decisão da Câmara em relação às solicitações dos empresários?
RC - É bom que se diga que, do ponto de vista do licenciamento, passamos do 8 para o 80. Ou seja, este aumento de pedidos e respostas provocou um *boom* no serviço, daí que hajam alguns atrasos. Não podemos ignorar esta realidade e a Câmara vai fazer alguma coisa para redobrar as respostas que tem de dar, de forma mais ágil, satisfazendo a necessidade de os empresários e promotores terem uma resposta mais célere aos seus pedidos. Dada a minha proximidade com os empresários, é natural que sinta um *feedback* sobre esta situação. E ouça as suas queixas. Por exemplo, no que toca aos PEIM's - Projectos de Investimento de Interesse Municipal - há uma resposta quase imediata, pois estão em causa cerca de 140 milhões de euros de investimento.

GA! - Qual é a articulação que faz com o vereador do Urbanismo?
RC - Sempre que entra um PEIM há uma apreciação conjunta entre os técnicos do Urbanismo e da Divisão de Desenvolvimento Económico sobre o enquadramento do projecto. É uma primeira seriação para ver a sua viabilidade. E quando há viabilidade segue para a reunião de Câmara para aprovação. Há uma articulação perfeita com o vereador do Urbanismo.

GA! - Guimarães não tem usado as Câmaras de Comércio e Indústria que marcam as relações com países estrangeiros e que são dinamizadoras de alguma cooperação e negócios. Porquê?
RC - Temos usado e certamente não temos divulgado. Já visitei a Câmara de Comércio Luso-Canadiana, inglesa, francesa. Com o México, fizemo-la a nível da Embaixada tal como com a Colômbia.

GA! - E com que resultados?
RC - Não os podemos medir no imediato. Mas substantivamente há um ou outro investimento que vai chegando. ■

ACADEMIA DA INDÚSTRIA

Um projecto para a inovação e desenvolvimento do tecido económico

I9G à espera da atenção do governo

▶ Concebido para ser um projecto de inovação e desenvolvimento empresarial, o I9G foi apresentado, em Fevereiro, pela Câmara com a presença do Ministro da Economia. Depois disso, não mais se ouviu falar do que seria o projecto que abriria as portas a uma Academia Industrial e que também tinha sido concebido para amortecer os efeitos de uma nova crise no Vale do Ave.

GA! - O I9G é um projecto para avançar, está parado?
RC - Os empresários que subscreveram o memorando de entendimento com o Ministro da Economia, valorizaram o I9G no momento e no acto mas eu acho que o Governo não percebeu ainda o quanto este projecto podia acrescentar e diferenciar à economia de Guimarães e do país. Porque é necessário ter projectos multiplicadores na área económica e com um objectivo claro na defesa das marcas e patentes, da propriedade intelectual, da diferenciação, da requalificação e reconversão de recursos humanos. No futuro, os problemas e desafios passarão pela requalificação dos recursos humanos das empresas e aproveitamento dos desempregados tornando-os de novo activos. O novo paradigma industrial da chamada indústria 4.0 pela via da transformação digital e da inteligência artificial vai colocar muitos desafios às empresas. E é preciso desde já fazer um diagnóstico das ameaças e oportunidades, de cada empresa, de modo a preparar o tecido económico para o impacto desta mudança de paradigma que já se faz sentir. Guimarães pode dar cartas neste domínio e nesta fase importante da economia portuguesa. E ajudar as empresas a enfrentar esta nova realidade. O diagnóstico tem de deixar claro quais os sectores onde devemos intervir, seja nos produtos e processos que terão de mudar para manter a competitividade da empresa, seja na formação e requalificação de recursos humanos activos ou no desemprego, de modo a operar a transformação digital da indústria. Mas é necessário ir mais longe, percebendo que tipo de pessoas temos no desemprego e se com formação se podem requalificar em níveis que permitam uma empregabilidade mais alta. A ideia deste I9G é criar uma academia para a indústria, um palco comum de articulação entre centros de ciência e conhecimento e sector produtivo, de modo a ter uma programa de formação e de requalificação de pessoas constante e que facilmente fossem recrutadas pelas empresas. Um exemplo: precisamos de engenheiros têxteis e temos engenheiros químicos desempregados. Ora, a coluna dorsal de conhecimento de um engenheiro é muito igual na Universidade e com uma formação requalificadora podemos reconverter este recurso humano para o tirar do desemprego, valorizar e pagar melhores salários. Este I9G para além de conceber e tratar de projectos de inovação, de criação de marcas e patentes, investigação e inteligência artificial - que sustentam a competitividade das nossas empresas - faz também formação e requalificação de recursos humanos. Tudo isto debaixo do chapéu do *"Guimarães Marca"* cujas empresas formariam o dínamo deste projecto com efeito multiplicador nas restantes empresas do concelho.

> "A investigação e a inovação que a UM pode trazer ao território permite revelar e relevar a região e ajudar as empresas."

GA! - O que tem dado ou permitido a parceria e a relação com a Universidade do Minho, sobretudo no contexto económico?
RC - A parceria com a Universidade do Minho - e os seus centros de conhecimento associados - é fundamental para além de relevante, num contexto de afirmação de Guimarães como cidade tecnológica e de conhecimento, os desafios mais próximos que se nos colocam como cidade. E também o foi neste projecto I9G. Quer o Reitor quer o vice-Reitor envolveram-se neste projecto, o que é sinal da sua importância. A UM e o Município andam de mãos dadas já há bastante tempo e faz todo o sentido que assim continue. A investigação e a inovação que a UM pode trazer ao território permite revelar e relevar a região e ajudar as empresas a enfrentar os desafios do futuro, que são os de acrescentar valor e diferenciar na gestão, no produto, no marketing. Costumo citar algo que li que é *"a falta de inovação constante é sinal de extinção eminente"*. Faz sentido inovar constantemente porque a qualidade hoje é um factor obrigatório e não uma vantagem competitiva. Ou se tem ou está-se fora do mercado. ■

> "O Governo não percebeu ainda o quanto este projecto podia acrescentar e diferenciar à economia de Guimarães."

Ministro da Economia gostou da ideia mas o Governo tem de decidir sobre se apoia ou não o I9G.

AGRADECIMENTO
Vale de São Torcato Houses and Wine Bar pela realização da entrevista.

ACADEMIA DA INDÚSTRIA

Só falta a decisão do governo

Câmara, UM de acordo sobre importância do I9G

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ O Ministro da Economia já mostrou simpatia por este projecto mas falta ainda o acordo do Ministério do Planeamento.

O I9G é um projecto de inovação que a Câmara Municipal de Guimarães impulsionou com a Universidade e com o contributo de José Oliveira, da Bosch.

Foi apresentado ao Governo. O Ministério da Economia e o governo viram-lhe valor para dinamizador da transferência de conhecimento da Universidade para as empresas e influenciar a inovação no tecido empresarial da região.

Siza Vieira esteve em Guimarães para dar *"apoio institucional ao projecto, tal como tem apoiado outros projectos de inovação que transfiram conhecimento produzido em Instituições de Ensino Superior para empresas e, assim, contribuam para o objetivo de aumentar a competitividade nacional"*.

Contudo, o I9G ainda não tem financiamento, nem declarado, nem definido. O Ministério do Planeamento ainda nada disse sobre se apoia ou não o projecto.

Domingos Bragança, presidente da Câmara, e Rui Vieira de Castro, Reitor da Universidade do Minho, chegaram a falar com o Secretário de Estado que é hoje o Ministro do Planeamento, Nélson de Souza.

A nível local, Ricardo Costa, pela CMG, Guilherme Pereira, pela UM, e José Oliveira (Bosch), empenharam-se no desenho do I9G enquanto solução também para a qualificação de pessoas, para a promoção da inovação e para fortalecer a área do conhecimento e da tecnologia.

EUROPA
O I9G ficará a aguardar por fundos comunitários do próximo programa de apoios.

E a quando da apresentação do programa do governo *"Indústria 4.0"* em Guimarães, o I9G também esteve nas conversas e foi até apresentado numa reunião da COTEC.

Depois disso, mais nada se disse do I9G apesar do valor que se lhe reconhece e da importância que pode ter no contexto económico e das soluções que pode oferecer à região num contexto de crise.

O I9G está, pois, à espera de apoio de um quadro comunitário favorável, de modo a receber dos fundos europeus parte da sua sustentação.

Os empresários, entretanto, apoiaram a ideia, assinaram um memorando de entendimento que significa que concordam com as soluções apresentadas.

A Câmara já apontou o local onde pode vir a funcionar a Academia da Indústria, prevista no I9G para qualificar e requalificar trabalhadores, contribuir para o aproveitamento de talento com remunerações acima da média. ■

Nélson de Souza tem a decisão sobre o I9G.

DITO E LIDO!

Transferir conhecimento da universidade para as empresas para vencer batalha da produtividade

2019-02-22 às 16h12
O Ministro Adjunto e da Economia, Pedro Siza Vieira, presidiu à apresentação de um projeto que tem como objetivo transferir conhecimento produzido na Universidade do Minho e outras entidades do Sistema Científico Nacional para mais de meia centena de empresas de Guimarães, chamado I9G. Na cerimónia, que decorreu na cidade de Guimarães, Siza Vieira afirmou que Portugal tem de centrar o seu investimento na inovação e na qualificação dos recursos humanos, para enfrentar para os desafios da nova economia. Referindo que a maioria das empresas participantes apresenta níveis modestos de interação com entidades de investigação e desenavolvimento, o Ministro acrescentou que *«a capacidade de levarmos o conhecimento que se produz nas universidades para as empresas é condição decisiva para ganharmos a batalha da produtividade»*. O projeto apresentado é um exemplo de inovação de âmbito regional para o setor industrial. Prevendo um investimento de 200 milhões de euros, visa requalificar 500 trabalhadores desempregados e 2 000 trabalhadores das empresas e criar 500 novos empregos altamente qualificados. O projeto visa ainda contribuir para o aumento das exportações das empresas aderentes em 100 milhões de euros. O I9G pretende ser um novo modelo de cooperação entre municípios e universidades, aproximando os planos académico e empresarial, e constituindo-se como elo dinamizador para mais e melhor inovação na economia local. O programa inclui 53 empresas, que empregam 4 500 pessoas e que, em 2018, exportaram 64% da sua produção, o que traduziu 275,9 milhões de euros ao ano. O seu volume de negócios é superior a 434 milhões de euros por ano.

in Portal do Governo
https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=transferir-conhecimento-da-universidade-para-as-empresas-para-vencer-batalha-da-produtividade

GUIMARÃES MOSTRA AO GOVERNO A IMPORTÂNCIA DO PROJECTO I9G

15 Fevereiro 2019
O presidente da Câmara de Guimarães aproveitou a visita do secretário e estado da Economia a algumas empresas têxteis da região para reforçar a importância estratégica do projeto I9G, uma parceria entre o município e a UMinho para responder aos desafios da Indústria 4.0. O projecto vais ser em breve apresentado ao ministro da Economia. *"Trata-se de um projeto para a região, com um programa bem orientado e sistematizado, fazendo com que o conhecimento flua para que as médias e pequenas empresas do têxtil e do calçado façam esta passagem para a área digital de produção"*, destacou o presidente da câmara, Domingos Bragança, depois de uma reunião onde o projecto foi detalhadamente explicado ao governante. O encontro teve lugar contexto de uma visita de João Correia das Neves efectuou na última quarta-feira a empresas têxteis do Vale do Ave, com passagem pela FModa, em Brito, Guimarães, uma unidade têxtil com 75 trabalhadores que exporta integralmente os cerca de 10 de milhões de peças que produz anualmente. Nesta visita o governante esteve acompanhado pelo presidente da câmara, Domingos Bragança, e o vereador das Atividades Económicas, Ricardo Costa. O périplo do secretário de Estado começou pela Gravotêxtil, em Fafe, que se dedica à tinturaria e acabamento de malhas, e teve passagem ainda pela Riler, em Vizela, uma estamparia que presta serviços de desencolagem, branqueação, tingimento, ramulagem e laminagem para felpos e colchas. No final, além de enaltecer a capacidade de adaptação dos empresários e empresas aos novos desafios, o governante destacou também a característica de resiliência que o sector têxtil tem dado mostras ao longo do tempo. *"O traço mais característico das nossas empresas é a capacidade de adaptação, flexibilidade com os clientes e a resposta às alterações do mercado. Já tivemos altos e baixos, mas sempre construímos soluções e isso é o que está a acontecer na região do Ave, incorporando inovação, serviços e soluções mais ajustadas"*, salientou João Correia.

in jornal T
https://jornal-t.pt/noticia/guimaraes-mostra-ao-governo-a-importancia-do-projecto-i9g/

ACADEMIA DA INDÚSTRIA

Visão estratégica de um projecto para marcar a região

I9G quer o rejuvenescimento estrutural das PME's

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ Guilherme Pereira, vice-reitor da Minho, faz parte do tridente de *"operários"*, *"pensadores"* e *"dinamizadores"* do I9G. *"Atesta"* o comprometimento da Universidade com um projecto com uma visão estratégica fundamental e que urge implementar. Concorda que agora, só falta mesmo a expressão da vontade política - informalmente manifestada pelo Ministro da Economia e pelo então Secretário de Estado que hoje é o Ministro do Planeamento - por parte do governo, de modo a garantir e assegurar o seu financiamento, pelo OGE ou pelo quadro comunitário da UE.

Guilherme Pereira atesta comprometimento da Universidade.

Guimarães, agora! - O I9G juntou a Câmara Municipal e a Uminho, mais uma vez, num projecto marcante para a região…
Guilherme Pereira - É, de facto, um projecto conjunto da CMG e da UMinho - com a colaboração muito importante do Dr. José Oliveira (Bosch) que nos empresta uma experiência vasta de colaboração ao mais alto nível com a própria UMinho. Direi que o I9G é uma iniciativa pioneira em Portugal - mas que pode e deve ser disseminada por outras regiões do país. O comprometimento da UMinho neste projeto é inequívoco, só precisa de ser devidamente suportado por vontade política e por um quadro de financiamento adequado.

GA! - Este projecto pode ser a âncora que falta á relação universidade/empresas que se deseja mais profunda e mais próxima?
GP - Sim, a Câmara Municipal de Guimarães e a Universidade do Minho uniram-se para criar um contexto de inovação, com especificidades regionais, adequado à efetiva transferência de conhecimento crítico produzido na Universidade e nas suas entidades de Interface, para as empresas sediadas na sua envolvente - concretamente as empresas envolvidas no Projeto *"Guimarães Marca"*. É também objetivo deste projeto envolver outras unidades do sistema científico e tecnológico da região.

GA! - O que se pode esperar do I9G?
GP - Pretende-se aumentar a capacidade organizacional e o conhecimento das empresas, contribuindo para a concretização de um dos objetivos estratégicos da autarquia - a criação de emprego altamente qualificado, que permita a atração e fixação de novos talentos na região. O objetivo I9G será o de capacitar o tecido industrial do Município e aumentar a sua atractividade para o desenvolvimento de atividade industrial competitiva no contexto da revolução industrial e da transformação digital em curso e em alinhamento com os objetivos para o desenvolvimento sustentável das Nações Unidas.

> "O comprometimento da UMinho neste projeto é inequívoco, só precisa de ser devidamente suportado por vontade política."

GA! - Quais são, no seu entender, os pilares deste projecto?
GP - O projeto I9G assenta em quatro vetores estratégicos que se assumem como pilares fundamentais de capacitação das empresas da região - ciência e tecnologia, capacitação de recursos humanos, investimento produtivo e factores dinâmicos de competitividade. Perseguir estes vetores estratégicos garante um impacto significativo, quer social quer económico, para as empresas e para a região.

GA! - O que falta agora para se avançar decididamente na sua implementação?
GP - Conhecendo-se o contexto que a CMG e a UMinho tem vindo a trabalhar - e a sintonia que já demonstraram em lhe dar vida -, resta esperar pela vontade política e financiamento ajustado a esta visão estratégica de rejuvenescimento estrutural das PME's de uma região - o Vale do Ave - que dotará as empresas com um conjunto de competências críticas que lhes permita o desenvolvimento de novos produtos e serviços, reforçando o valor para a economia nacional, ajudando-a a tornar-se mais competitiva e ainda mais exportadora, capaz de suportar melhores salários, melhorando a qualidade de vida dos seus colaboradores. ■

Conhecimento do sistema científico será partilhado pelas empresas

Imprescindível para a região, pioneiro e inovador

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ José Oliveira, da Bosch, tem dado um contributo importante na implementação do I9G. Acredita que o projecto traçará os caminhos de inovação do futuro, com impacto forte no universo das PME's, e poderá servir de exemplo para outras regiões do país.

Guimarães, agora! - Como classifica o projecto de inovação de âmbito regional para o sector industrial do Município de Guimarães?
José Oliveira - Imprescindível para a região.

GA! - A identidade deste projecto inspira-se em outros ou alguns modelos nacionais ou europeus?
JO - Inspira-se muito na colaboração da Bosch com a Universidade do Minho e com outros parceiros do nosso sistema científico.

GA! - A sua natureza, em termos de custos, divide-se mais pela área da formação/ requalificação de recursos humanos ou pela adopção de processos que proponham caminhos de inovação?
JO - Muito focado em projetos de inovação com a Universidade do Minho e outros parceiros como: IPCA, CITEVE, CENTI, INL, CCG, PIEP. Também prevê uma requalificação massiva de recursos humanos para novas áreas de conhecimento através da criação de um novo conceito de Academia Industrial.

GA! - O que de inovador tem, afinal, este projecto?
JO - É inovador por ser pioneiro em Portugal, é inovador porque é o Município de Guimarães que não quer que os seus cidadãos voltem a viver uma crise com alto impacto no volume de emprego disponível, é inovador porque permite a muitas pequenas empresas terem acesso a financiamento para projetos de I&D em co-promoção com entidades do sistema científico, é inovador porque as empresas terão acesso ao conhecimento crítico produzido nas entidades do sistema científico, conhecimento a ser incluído nos seus produtos e serviços com mais valor. Mais valor, mais disponibilidade financeira, mais sustentabilidade, melhores salários. Toda a cadeia de valor será reforçada com base no pilar mais relevante para as empresas: o pilar do conhecimento.

GA! - Acredita na sua viabilidade e na possibilidade de eventual financiamento através dos fundos europeus?
JO - A atribuição de fundos europeus é viável. Hoje temos projetos, que ontem não existiam como os Clubes de Fornecedores. Isto é a prova que o governo tem demonstrado abertura para novos conceitos de projetos estruturantes de elevada complexidade.

GA! - A sua estratégia pode também enquadrar-se numa estratégia nacional de modo a ter apoios do Governo?

José Oliveira acredita no pioneirismo do projecto.

JO - O mundo está a viver uma profunda transformação no desenvolvimento de novos produtos e serviços. Portugal vai ter de definir uma estratégia nacional para enfrentar esta revolução digital. São precisos projetos complexos que sejam capazes de transformar o país e o I9G foi pioneiro em entender que é preciso fazer mais. Infelizmente, Guimarães desde de 2017 está a tentar passar a mensagem, mas está a ser complicado, porque o país está formatado para reagir e não para moldar ou transformar.

> "Precisamos de projetos disruptivos para ajudar o ecossistema de Guimarães a moldar o seu futuro."

GA! - O valor estimado para a sua concretização está definido no seu montante global e detalhado nas suas acções?
JO - O investimento associado a esta iniciativa para os próximos três anos para poder desenvolver na região novos produtos e serviços de elevado valor acrescentado, poderá aproximar-se dos 200 milhões de euros a repartir pelas empresas e pelos parceiros científicos.

GA! - E no tempo, como será a sua implementação? Pode durar quantos anos a ser implementada?
JO - A fase crucial para a sua implementação é de imediato, devendo estar concluída esta fase em 2023.

GA! - Em que áreas lhe parece que este projecto possa colidir com outros a nível nacional?
JO - Não há colisão com nenhum projeto. Ele é inovador no seu conceito e pode ajudar outras regiões a desenvolver outros grandes projetos.

GA! - Em que medida ajudará ao aumento das exportações da região?
JO - Ao permitir que as empresas tenham acesso ao que de melhor se faz na Academia, ao permitir requalificar muitos colaboradores para novas áreas de conhecimento, vai permitir o desenvolvimento e produção de novos produtos e serviços o que colocará a região em outro patamar para poder competir nos mercados internacionais o que irá permitir consolidar e reforçar as exportações.

GA! - Finalmente, acredita que na área do produto, possam surgir coisas novas, na sua implementação?
JO - O projeto assenta num ecossistema complexo: Município, Empresas, Universidades, Academia Industrial e a criação de Startups. O I9G tem grandes objetivos como sejam o desenvolvimento de novos produtos e novos serviços, diversificando o portfólio de soluções para o tecido empresarial da região.

GA! - O que pode resultar de mais interessante, para os trabalhadores, na concretização deste projecto?
JO - É preciso proteger os mais frágeis, os trabalhadores que dependem do seu salário. É preciso dar-lhes o poder do conhecimento, dar-lhes o poder de aprender coisas novas. Para os proteger é necessário termos um tecido empresarial inovador e competitivo. Precisamos de projetos disruptivos para ajudar o ecossistema de Guimarães a moldar o seu futuro. Com este projeto, o Município de Guimarães, pretende aumentar a capacidade organizacional e de conhecimento das suas empresas, contribuindo para a concretização de um dos objetivos estratégicos do Município de Guimarães, a criação de emprego altamente qualificado, que permita a atração e fixação de novos talentos na região. ■

URBANISMO INDUSTRIAL

Município e proprietários juntos

A primeira experiência de loteamento conjunto

▶ Sofonte, Casais e JOM com José Manuel Antunes formam o quarteto de proprietários dos terrenos que com o Município vão urbanizar os 14 hectares que se avistam na quota acima da auto-estrada, em Silvares.

Conseguido o acordo entre os quatro proprietários e o Município (representado pelo vereador do urbanismo Seara de Sá), foi encontrada também a *"justa repartição"* de encargos e benefícios desta operação.

As infraestruturas a implantar - um arruamento e infraestrutura viária para criar alternativas várias à circulação automóvel - servirão toda a área a urbanizar e serão construídas por cada loteador, assumindo o Município a parte de outra área de terreno - cujos proprietários não entraram nesta operação mas podem ser envolvidos mais tarde. A Câmara compensará a parte do custo do arruamento onerando as operações urbanísticas que se venham a viabilizar para aquela área restante, reavendo o custo dispendido com o arruamento. A nova rua ou avenida compreende uma faixa de rodagem por cada sentido de trânsito, com separador central, estacionamento automóvel e passeios marginais.

Um novo centro empresarial e logístico em Silvares.

Nas condições desta operação ficam fixadas também a cedência de terreno para áreas verdes e equipamento, nos termos da legislação em vigor, identificadas no estudo. Tal como o calendário de execução.

Esta é a primeira experiência de loteamento - não abrangida por planos de urbanização ou de pormenor - que se desenvolve por iniciativa dos proprietários e do Município que materialização um contrato de urbanização. E uma operação que apesar de tudo cumpre os pressupostos do PDM, sem prejudicar o desenvolvimento do restante território, onde podem coexistir funções económicas com actividade industrial e logística de valor acrescentado (ao nível da inovação e da tecnologia, empregabilidade e volume de negócios), permitindo atracção de investimento e projecção de Guimarães.

Na história deste processo, pode ler-se que *"a unidade de execução insere-se num processo urbanístico longo, iniciado com o desenvolvimento de estudos para "a nova centralização de Silvares"*. Tem uma área aproximada de 146,378 m2 no PDM e está classificada como solo urbano - urbanizável - e espaço para actividades económicas.

Relativamente à sua ocupação, o que está definido é a construção de edifícios - isolados, geminados ou em banda - com funções de actividade económica, de armazenagem e indústria, de logística, de comércio e serviços complementares. Os edifícios não têm limite de altura máxima mas são obrigados a articularem-se com a volumetria das construções contíguas e envolventes. Os índices urbanísticos (área de construção e impermeabilização do solo) respeitarão o artigo 78º do regulamento do PDM.

Esta operação estará em discussão pública por um período mínimo de 22 dias e anúncio prévio de cinco dias, publicado no Diário da República. ■

Coligação por Guimarães de acordo sobre esta primeira experiência

"Que seja uma uma excelente ferramenta operativa para urbanizações de grandes parcelas"

"Sobre este ponto da "Delimitação e formalização da "unidade de execução" para parte da unidade operativa de planeamento e gestão do PDM concretizando a Plataforma para Terciarização de Silvares, o nosso grupo de vereação vota favoravelmente.

Uma das grandes dificuldades no planeamento e no urbanismo é a sua materialização concreta do terreno, nomeadamente quando se trata de grandes parcelas de território, de modo especial na nossa zona do Minho, tendo em conta a forma como habitualmente é distribuída a propriedade dos terrenos por vários pequenos proprietários.

Na verdade, no caso presente, estamos a falar de cinco proprietários envolvendo uma área total aproximada de 140.000 m², isto é, 14 hectares.

Ora, definir as infra estruturas e a sua concretização ocupando o terreno de uns e valorizando o terreno de outros, definindo e impondo parâmetros urbanísticos que salvaguardem o interesse público e, finalmente, ser feita a distribuição proporcional dos custos da urbanização por todos os proprietários não é, manifestamente, tarefa fácil e daí, na generalidade dos casos, a urbanização de régua e esquadro ter muitas dificuldades em ser levada à prática.

Com este novo modelo, de criar uma "Unidade de Execução" – figura de planeamento definida no Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, limita-se, em planta cadastral, um desenvolvimento urbano harmonioso assim como se consegue uma justa repartição de benefícios e encargos pelos proprietários abrangidos. Todos nós temos conhecimento da crescente competitividade entre municípios, regiões e países no que toca à atratividade de investimentos, de modo especial, aqueles investimentos portadores de bons e qualificados empregos, de investimentos potenciadores de desenvolvimento.

Nos princípios dos anos 80, discutia-se na nossa terra para onde deveria crescer Guimarães. Se para a zona da Costa, um buraco para alguns, ou se para a zona de Creixomil/Silvares, a zona do futuro para outros. Agora, 40 anos já passados, é tempo de reconhecer importância estratégica da zona de Silvares e trabalhá-la com toda a qualidade e rigor que se exige nos tempos de hoje.

A sua visibilidade e a sua localização, praticamente na cidade, encostada ao parque industrial da Ponte, à boca da auto-estrada e numa das principais entradas da cidade, fazem deste importantíssimo pedaço de território um dos mais importantes visíveis do nosso concelho que poderá e deverá constituir um verdadeiro chamariz para os autênticos novos investimentos.

Votamos a favor e desejamos que esta primeira experiência de formalização de uma "Unidade de Execução" confirme que se trata de uma excelente ferramenta operativa para levar a cabo urbanizações de grandes parcelas de território concelhio". ■

URBANISMO INDUSTRIAL

Seará de Sá sobre a urbanização da meia-encosta de Silvares

"Foi uma oportunidade que agarramos e soubemos concretizar"

O vereador de Urbanismo, Seara de Sá, revela que a ocupação, com actividades do sector terciário, da meia encosta de Silvares, na área da saída da auto-estrada, *"foi uma oportunidade que agarramos, e com ela desbloqueamos situações que estavam bloqueadas"*.

A operação urbanística, denominada como a *"terciarização de Silvares"* resultou num contrato de urbanização que juntou o Município e proprietários de terrenos, numa área de 14 hectares. E revelou-se numa solução em *"as coisas foram acontecendo, em função dos interesses e intenções de cada proprietário, juntando-se um e outro"* de modo *"a cozer tudo numa estratégia comum à Câmara e aos proprietários"*. A operação acabou sendo desenhada por camadas, num processo negocial, com diálogo permanente entre Município e privados.

Seara de Sá, admite que a experiência e o método utilizados, ficarão para outros casos em que seja necessário usar a figura da *"unidade de execução"* - definida no regime júridico dos instrumentos de gestão territorial - para concretizar essa operação urbanística, em Silvares, prevista no PDM com as regras definidas no Decreto-Lei nº 80/2015, de 14 de Maio.

Sobre o tempo que demorou a usar este instrumento de uma lei de 2015 apenas em 29, o vereador reconhece que *"porventura não houve oportunidade ou necessidade de o fazer"*, admitindo que no departamento que dirige *"quando aparece legislação nova, temos de olhar para ela e encontrar nelas o caminho necessário para a implementar"*. Reconhece, que esta lei introduziram *"modificações substantivas em alguns conceitos"* no urbanismo municipal.

E no futuro, *"vamos sempre tentar que as camadas se encaixem e sejam complementares"* de modo a que os interesses privados correspondam e se enquadrem na estratégia do Município. O vereador revela que há outras unidades operativas que podem ser desenvolvidas no futuro, - estão previstas no PDM - apesar de noutras se poder usar o mesmo critério mas os proprietários optarem por operações isoladas. Reforça, que *"este é o caminho"*, colocando frente a frente a Câmara e os promotores de loteamentos, pois, por esta via os processos podem correr com mais rapidez, em ordem à sua decisão.

> "Quando aparece legislação nova, temos de olhar para ela e encontrar nelas o caminho necessário para a implementar."

Seara de Sá confia nos instrumentos legais para desenvolver Guimarães.

A criação de unidades de execução é uma figura definida no regime júridico dos instrumentos de gestão territorial - e para concretizar essa operação urbanística, em Silvares, prevista no PDM com as regras definidas no Decreto-Lei nº 80/2015, de 14 de Maio.

Com este instrumento, agora utilizado pela primeira vez e que se pode tornar numa prática corrente ao qual a Câmara recorrerá se e quando proprietários de terrenos, num processo colaborativo, e o Município se entenderem na urbanização de uma determinada área do território. E as solicitações dos privados se *"compaginarem com a estratégia definida e defendida pela Câmara"*.

Já a UOPG - Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - decorre do PDM - Plano Director Municipal - e serve para que as pretensões de proprietários de terrenos e Município estabeleçam um contrato de urbanização, de execução temporal mais curta e objectiva.

Nela se repartem encargos, pelos interessados, seguindo a regra da *"perequação"* , um mecanismo que reparte os custos da urbanização em conjugação com os índices médios de cedência de terreno para área verde e construção, por cada interveniente na operação.

Por outro lado, quando numa operação há um ou outro proprietário com terrenos no perímetro da operação e que fique além do contrato de urbanização, a Câmara assume os encargos dessa parte na execução das infra-estruturas.

"Não existindo experiência desenvolvida ao nível da presente figura de planeamento, sendo esta a primeira formalização de uma unidade de execução no município de Guimarães, acredita-se que a unidade de execução em causa contribuirá para a materialização dos pressupostos inerentes ao PDM e objetivos da política urbanística municipal, afirmando-se uma ferramenta operativa de execução e urbanização de um "naco territorial" com forte potencial polarizador de investimento, atividade económica, projeção e emprego para o município. Induzindo uma prática urbanística cada vez mais concertada e partilhada, mas suficientemente aberta e condicionada para acomodar a mudança e a regulação, a presente unidade de execução é motivo de singularidade pela sua forma e especificidade, é razão de diluição na globalidade da ação urbanística municipal pela sua aceitação e submissão à respetiva estratégia e objetivos inerentes. E, assim, é elemento que se perspetiva profícuo na perseguição de um território cada vez mais qualificado e contemporâneo!"- lê no documento aprovado na reunião da Câmara Municipal. ■

EXECUÇÃO DA OBRA DA INFRAESTRUTURA VIÁRIA

ÁREA GLOBAL DA INFRAESTRUTURA VIÁRIA (M2)	20.400,00
VALOR GLOBAL DA ESTIMATIVA ORÇAMENTAL (€)	1.954.995,00
VALOR/M2 DA INFRAESTRUTURA VIÁRIA	95,83
ÁREA PARCELA DA INFRAESTRUTUTA VIÁRIA DA RESPONSABILIDADE MUNICIPAL	5.792,00
VALOR PARCELAR DA INFRAESTRUTURA VIÁRIA A SUPORTAR PELO MUNICÍPIO	555.065,25

ESTRATÉGIA DE TURISMO

A alma e comportamentos como estratégia de turismo

À lei da *"garra"* vimaranense

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ A Câmara Municipal investiu na idealização de uma estratégia de captação de turistas à base de comportamentos e emoções que fazem parte do alma do ser vimaranense.

O que fazer de um território já muito conhecido e com boa imagem ainda mais conhecido e visitado?

O desafio pode entender-se num estudo da Bloom Consulting, a quem a Câmara Municipal delegou a responsabilidade de conceber uma estratégia que, no fundo, visa tornar Guimarães ainda mais conhecida e mais visitada por portugueses e estrangeiros em visitas de turismo, de negócio ou de lazer.

Recorrer ao intangível para captar turistas é a opção municipal.

Apesar de quem frequentar o centro histórico notar um frequente vai-e-vém de pessoas de vários países, de ver os restaurantes das principais praças animados e frequentados, de se perceber o frenesim em volta do castelo com autocarros a carregar e descarregar gente dos vários continentes, apesar disso tudo, Guimarães ainda não é um destino turismo, nem tem a visibilidade internacional que lhe podia dar outra projecção.

O estudo que serviu de base à estratégia definida confirma o que é mensurável à vista: Guimarães atrai, encanta mas demora a fixar ou prolongar uma visita ainda esporádica dos seus turistas. A visibilidade nacional é ainda maior que a internacional, a história e o valor do património também suscitam admiração e motivo para uma escapadinha, porque Guimarães é acessível por qualquer meio de transporte. Daí o interesse para quem mais nos visita - os espanhóis em rumar à cidade por proximidade, os brasileiros quererem entender onde nasceu o país irmão e os franceses terem na fundação da nacionalidade uma costela que os aproxima da terra e dos seus heróis, de há séculos.

E reitera o que já há muito distingue Guimarães com um centro histórico admirável e que suscita curiosidade, um Castelo que apesar de ser uma obra requalificada há 80 anos, não deixa de ser um lugar de memória - onde se guarda o símbolo do nascimento da portugalidade. E depois, o Monte Latito qual sede altaneira da vila antiga de Guimarães e de onde se mira todo o centro histórico no qual se enquadra a parte mais antiga da cidade e do concelho.

É, pois, na cidade histórica, que os turistas concentram a sua visita apesar de se notar que há um interesse em expandir o olhar e sentir a vida para além do castelo e das muralhas. Mas para sair do centro, só mesmo por uma escapada ou fuga ocasional onde se sente que nenhuma estratégia também fez emergir o que há de bom em S. Torcato, nas Taipas, na Penha e no resto da ruralidade.

O que o estudo da Bloom, também deixa claro, é outra verdade de La Palisse - obviamente sentida por quem lida com muito com turistas e visitantes: Guimarães encanta quem cá vem uma ou mais vezes e deixa saudades e boa impressão porque

andar pela cidade proporciona sensações agradáveis, de segurança e paz, de uma paisagem colorida e uma simpatia das gentes com quem se é capaz de conviver.

Se visitar Guimarães pode ser entendida como uma *"experiência única"*, para o turista, a verdade é bem diferente da que sentem os vimaranenses. Uma experiência única tem de ter mais condimentos, uma duração maior e a percepção de um todo e não apenas de uma parte. Guimarães vista a correr e ao comando de uma guia turístico com um plano de viagem e visitas para cumprir, num roteiro com outras opções apenas pode proporcionar uma visita agradável num estadia curta.

No diagnóstico do estudo, reitera-se continuamente o que são as deficiências de um local turístico - que não um destino - nomeadamente a estadia curta, mais curta que uma escapadela, a concentração da visita ao centro da cidade - também por ser mais fácil - e a falta de notoriedade em alguns públicos - mais jovens - o que também é natural porque Guimarães apesar de ter sol não tem praia.

Para mudar as áreas onde Guimarães tem de *"investir"* para mudar a sua imagem turística para outros patamares, a Bloom faz recomendações: complementar a experiência existente, procurando visitantes para ver o concelho e não apenas a cidade; evitar que o centro histórico monopolize as atenções nos folhetos ou documentação

turística, mostrando as riquezas que existem em redor da cidade; propor novos locais a determinados segmentos de turistas; fazer do bairrismo um chamariz turístico que possa enriquecer a marca turística que Guimarães tem; fazer coincidir uma ideia central de Guimarães com uma visão para o Turismo e que no caso a ideia central é *"a ideia que nós queremos que os outros tenham de nós"*.

Pelo que se vê no estudo, há muitas palavras para algumas ideias e que todas evidenciam um conceito bem vimaranense de olhar para dentro de si. Falta saber se estes valores ou ideias sobre a emoção, bairrismo, garra se encaixam numa estratégia turística onde se deviam conhecer verdadeiras acções para captar turistas de per si e não através da influência de outros destinos. Guimarães como parte da região Turismo do Porto e Norte de Portugal não deixa de beber por aqui o seu maior contingente de visitantes turistas, uma dependência que vai continuar a influenciar os fluxos de turistas à cidade.

Dizer que é à base da lei da *"garra"* vimaranense que vamos ter mais turistas pode ser ainda mais redutor do que enquadrar Guimarães no contexto da região do Turismo do Porto e Norte de Portugal. Mesmo sabendo que em torno do conceito da *"garra"* possam existir outras e não menos importantes emoções, qualidades, memória e história, identidade que são apenas únicas e nossas.

O turista pode reconhecer a nossa *"garra"* - uma característica nossa, de consumo interno, que é apenas conceito, sentimento e emoção. Mas ninguém vai à Catalunha ou ao País Vasco pela sua *"garra"* e pela sua identidade única e a sua história comum. Há muito mais para além desses conceitos imateriais que o turista aprecia, pode até sentir, mas não o incita a vir a Guimarães por isso.

Idealizar uma campanha turística com base em comportamentos dignos dos vimaranenses - mas que não são exclusivos - porque qualquer população tem orgulho da sua história, pode receber bem, amar o que é seu e ter uma vida em comunidade, pode ser um caminho que pretende materializar um sonho: o de querer vender, do ponto de vista turístico, um território concelhio, com cambiantes verdes, de cultura e folclore e de património identificado mas não muito cuidado. ■

Campanha de lançamento começa a ser definida

Cada projecto tem orçamento próprio

▸ O orçamento da estratégia de turismo 2019/2029 ainda não se encontra definido. E será um dos primeiros assuntos a ser tratado na comissão de acompanhamento que começou a dar os primeiros passos.

Filipe Roquete, da Bloom Consulting, afirma que o encargo desta estratégia depende de como for implementada.

O que vai ser feito, agora, é um elenco de prioridades e custos por projecto, definir qual é a quota parte do investimento municipal e do investimento privado.

A estratégia de turismo apresentada reflecte *"a visão do Município"* para os próximos 10 anos, e muito do conteúdo em que se sustenta integra as pesquisas feitas *online*, que ajudaram a definir o conceito *"único"* com que Guimarães se apresenta aos vimaranenses e que agora se quer transportar para o mundo. *"É um contraste com outros locais turísticos e que deles se pode distinguir"* - confirma Filipe Roquete.

A ideia de fazer que cada visitante seja também um vimaranense, vendo *"Guimarães como ele é e em toda a dimensão da sua diversidade territorial"* permitirá evitar a prática corrente de trazer turistas *"a quem se vende um bilhete para chegar cá"*, muitas vezes sem que o viajante perceba para onde vai, conhecendo o destino apenas quando chega ao aeroporto.

Filipe Roquete reconhece que com esta estratégia, muitos turistas podem vir a conhecer Guimarães de *"uma forma diferente"*, o que pode reduzir os *"tours"* pela cidade, de modo a suster a massificação que traz autocarros cheios de turistas a Guimarães, por umas horas.

O modo como o turista pode ser incentivado a visitar Guimarães, será balizado numa *"mensagem"* idealizada para a campanha, visando atrair turistas que viagem mais com a família e amigos ou em pequenos grupos, numa altura em que Portugal beneficia dum *boom* turístico e de reconhecimento internacional. É uma fase boa de atracção de turistas de todo o mundo e *"Guimarães* - no entender de Filipe Roquete - *tem mais probabilidades de poder fazer uma oferta de uma experiência única do que outros destinos"*.

> "Guimarães tem mais probabilidades de poder fazer uma oferta de uma experiência única do que outros destinos."

A campanha que se vai seguir aponta para que se apele ao turista em termos individuais, pois, Guimarães pode oferecer um produto agradável e onde se pode viver uma *"história estruturada"*.

Esta estratégia de turismo, a que o Município deu corpo, contempla a ambição de mudar *"a percepção"* que Guimarães tem num contexto internacional. E onde precisa aumentar a sua visibilidade, reforçando a sua imagem na Europa, numa aposta de turismo de proximidade que já teve êxito com outros mercados. A proximidade e a identificação com o Portugal cultural é também um meio de cativar mais turistas e visitantes.

Filipe Roquete reconhece que vender Guimarães como *"uma história de encantar"* e um local turístico de qualidade, pode agora ser feito enquanto produto global, numa oferta estruturada e abrangente contemplando todo o território concelhio, juntando esta riqueza natural, paisagística e cultural, ao que é mais conhecido *"a história, o património, o Castelo e a cidade"*. ■

ESTRATÉGIA DE TURISMO

A execução de uma estratégia em três programas

Identidade, território e verde

Texto de: José Eduardo Guimarães

Guimarães Verde com feições turísticas.

Há três programas em que se fundamenta a estratégia de mostrar e publicitar Guimarães.

O primeiro, quer *"ampliar e disseminar a garra vimaranense"*. É a exibição da identidade como ferramenta imaterial de aproximação ao turista.

Recupera o logotipo que identificou *"Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012"*, pode utilizar nas cores preto e branco, e ter uma base formativa porque destina-se aos jovens, ao envolvimento das escolas, mapeando a identidade vimaranense, visível nas suas tradições e costumes e pode mostrar até aos vimaranenses o que é também de Guimarães. E que muitos não sabem.

As acções e programas ou eventos a levar a cabo serão primeiro mostrados e vivenciados pelos vimaranenses que se tornarão nos cicerones da nossa realidade. E seguindo as normas do *"manual do vimaranense"* onde se deve conter e representar a identidade das gentes da nossa terra.

"Sócio de Guimarães" é estatuto que pode vir a ser atribuído a quem nos visita, um meio de reforçar a identidade vimaranense junto de públicos diversos. Mas pode ser uma identificação dos que cá nascem, num cartão tipo multibanco, com *chip*, o modo de obter mais valias e participar num conjunto de acções ou eventos. Guimarães terá uma rede de embaixadores e até um *kit* de sobrevivência *"recheado de histórias e sabores ou tradições"* que pode ser adquirido, enviado e até levado para os quatro cantos do mundo.

A identidade dos vimaranenses, será mostrada ao mundo, numa invasão das redes sociais com o *"#Guimarães"*, com a utilização do vídeo como ferramenta de comunicação no *Youtube*, e ainda mostrar o que é Guimarães e a sua língua pois haverá tradução de algumas expressões locais.

A valorização do território pretende mostrar as distinções e honras de que é alvo, garantindo o aperfeiçoamento de Guimarães. E mostrando que há uma unidade sem fronteiras mas definido pelo espírito e pela alma da garra vimaranense. Um território vasto mas unificado, com complementaridade e diversidades. E como um espaço único turístico que se pretende destino.

Este território será ligado por rotas de transportes, será mostrado numa plataforma digital com partilha de segredos, exibirá o festival das freguesias vimaranenses (com actividades distribuídas por todos, calendários coordenados), potenciar as aldeias e será conhecido e identificado por uma linguagem e sinaléctica uniformes.

O Guimarães Verde mostrará ao turista a estratégia de sustentabilidade subjacente ao desenvolvimento de Guimarães, na ecologia, limpeza e preservação, com um centro histórico mais ciclável e pedonal.

A Casa da Memória transformar-se-á num *"welcome desk"* e aposta-se que seja o ponto de partida da visita a Guimarães. No aeroporto do Porto, Guimarães passará a ter um posto de turismo, qual embaixada por onde se pretendem passem os turistas que chegam ao Norte.

Por fim, o estudo faz crer que Guimarães pode ser um caso sério de humanização na experiência turística, ao envolver a população com os turistas. E isso é fundamental para as diversas formas como se pode conhecer Guimarães que tanto pode ser à medida (por iniciativa própria e utilizando ferramentas digitais), como uma visita verde, uma imersão no espírito vimaranense, num caminho de paixão, uma experiência acompanhada. Curiosa será a descoberta da origem, incluída neste roteiro de sugestões onde os turistas são encaminhados para encenações históricas, realizadas de forma sistemática e com o envolvimento da população.

Por fim, o uso de emblemas sociais e humanos de Guimarães. O Vitória - como um caminho de paixão para os turistas, e adeptos do adversário que podem ser vitorianos por um dia; João Sousa a quem se pode outorgar o título de embaixador pode tornar-se cicerone, num ciclo de visitas temáticas, lideradas por personalidades mediáticas ou influentes. ■

VITÓRIA
Será um dos caminhos de paixão que se mostrarão aos turistas e João Sousa pode ser cicerone.

Comunicação adequada e em várias plataformas

Como é que Guimarães será visto lá fora?

O estudo apresenta alguns conceitos em que a comunicação deverá assentar. O primeiro é de que a visita ou estadia em Guimarães deve ser *"uma experiência histórica"*, tornar o turista em mais um vimaranense pelo seu envolvimento com a cidade, o seu património, as suas gentes. E por aí começar um passa a palavra - digital - para amigos e outros que se interessem por esta passagem por Guimarães.

Uma comissão envolverá a Câmara, as associações e os actores locais na implementação dos projectos, o que pressupõe uma participação activa dos vimaranenses numa estratégia que não será apenas do Município mas das pessoas também.

Implicará por certo meios, ferramentas e equipamentos, de modo a que seja por uma plataforma de gestão que se obterão dados e resultados, medidos em tempo real ou periodicamente.

E mobilizará uma equipa mais apetrechada aos objectivos e funções para a estratégia definida. ■

Cinco feiras para vestuário, têxtil e calçado

De Madrid a Paris e Milão

▶ As empresas portuguesas foram de Madrid a Paris e rumaram a Milão, num mês frenético de cinco feiras que animaram o sector do calçado, do têxtil e vestuário.

Em três capitais da Europa onde a moda e o *lifestyle* são reis, passaram em Setembro, marcas e empresas de Guimarães bem cotadas no sector. Em mais uma etapa de busca de novos clientes, as feiras internacionais apesar de ligeiras descidas na sua frequência, ainda são montras importantes para mostrar o que de melhor se faz por cá.

A Maison&Object, destinada ao *design*, *lifestyle* e decoração de interiores, levou até Paris a marca Devilla (B. Sousa Dias), de 6 a 10 de Setembro.

Foi o mergulho numa feira que dita as tendências mundiais do que é bom e bonito na nossa casa. A Devilla tem na França, um dos seus melhores mercados na área do têxtil-lar.

Já na Intergift (11-16 Setembro), em Madrid, a Beppi marca associada à plataforma Overcube (do grupo Kyaia - vendas *online* - também montou *stand* na feira.

A Nomad, também na capital espanhola, suscitou a atenção das empresas de moda e vestuário de homem, senhora e criança e lá estiveram as marcas Lion of Porsches (grupo Herculano) e a Pé de Chumbo marca vimaranense que tem na moda e vestuário o seu mundo.

Empresas de Guimarães apostam mais na internacionalização.

Na Prémiere Vision, em Paris, de 17 a 19, o contigente de empresas vimaranenses foi maior. Numa feira em que as empresas portuguesas bateram um recorde de presenças, foram apresentadas muitas novidades no sector têxtil.

Lemar, Luís Azevedo & Filhas, Otojal/OTS, Têxtil Serzedelo, Trimalhas, Fifitex, Filasa/Maf, Solinhas, R. Lobo, JFA, Somelos Tecidos, Tabel.

Este ano, a Prémiere Vison apresentou uma cadeia de investigações ligadas à "*economia das matérias criativas para a moda*", coordenada por Giles Minvielle, professora do Instituto Francês da Moda. Objectivamente a investigação far-se-á para elaborar um indicador económico sobre a actividade das matérias do tecido e do couro, destinadas à moda criativa, que funcionará como um barómetro da feira. Vai analisar ainda a evolução conjuntura da fileira têxtil e do couro, e promover estudos científicos.

A Micam, em Milão, a maior feira de calçado do mundo, também estiveram empresas e marcas vimaranenses (ver texto em separado). ■

RECORDE
Há mais empresas portuguesas nas feiras internacionais de produtos de qualidade.

A maior feira do têxtil-lar em festa em 2019

Heimtextil comemora 50 anos em Janeiro

Depois da Micam, também a Heimtextil vai comemorar 50 anos de existência.

A Messe de Frankfurt não vai descurar a efeméride e prepara já uma festa com aparato.

"*50 edições nas últimas cinco décadas são um fenómeno raro, praticamente uma eternidade, numa indústria de feiras global em constante e trepidante mudança. Como nenhuma outra feira, a Heimtextil soube nunca parar de se reinventar e manter a sua liderança nos têxteis lar apresentando sempre as últimas tendências, abrindo uma janela para se ver o futuro*", afirmou Detlef Braun, CEO da Messe Frankfurt, ao jornal T.

O tradicional jantar dos expositores vai ocorrer no segundo dia de feira com uma festa nocturna, com a exibição de um filme recordando os momentos mais importantes da história da feira. Uma exposição, que mostra as cores, formas mobiliário, objectos de *design*, que embelezaram inúmeros lares nos últimos 50 anos, vão estarem exposição.

Um lenço unisexo será prenda que evocará os 50 anos e será distribuído - por venda - aos visitantes, com uma combinação perfeita de cores, desde o lilás e azuis petróleo e turquesa. ■

MICAM 2019

Micam completou 50 anos

Uma feira que cria beleza e se torna num evento

▶ The Micam, a maior feira internacional de calçado, continua a ser uma experiência viciante e um acontecimento único, mesmo quando completa 50 anos de idade.

A Micam distingue-se pelo seu estilo e marcas.

A maior feira de calçado do mundo, onde as empresas portuguesas e vimaranenses não deixam de dar um ar da sua graça, a famosa The Micam, é uma manifestação para ver, tocar, viver e jogar.

Há quem diga que é mesmo um evento único, quiçá viciante, que interpreta com originalidade o mundo do calçado e onde se gera um caleidoscópio de emoções.

A mostra (de calçado e também de couro e jóias) é bastante sugestiva, uma maravilha onde se joga a sério a *"competência e a competitividade"* dos fabricantes e expositores de calçado.

Quando completa 50 anos, a Micam confirma a ideia e o mote de que *"cria beleza"* e se *"torna"* num evento, ainda mais actual e fascinante, fundindo com sucesso o *"business"* com a moda.

Nesta edição, a Micam apresentou um novo espaço - *Players District* - que mais não é do que uma montra especial para o calçado *outdoor* e desportivo. A grande variedade de desporto teve um *"palco"* para se exibir, em algumas modalidades - como o basquetebol - onde não faltou animação e *performers*, dando mais importância ao calçado desportivo.

À Micam chegam todos os anos, os *"Emerging designer"* com as suas propostas criativas, inéditas, produzidas com material inovador e com formas originais. São chineses e de outros países, estes *designers* que já não se limitam a criar um produto mas a sabê-lo comunicar, ao jeito dos *"Influencers"* que também chegam de outras capitais para falar do sapato e do calçado, da moda. São estes jovens talentos que trazem algo sempre novo a um evento onde a criatividade e inovação andam de mãos dadas.

Pelo deslumbre que provoca, a Micam tornou-se num ponto de partida e de chegada, entre uma feira e outra, fazendo emergir o sector do calçado com um potencial económico de 14,3 mil milhões de euros, mais de 75 mil trabalhadores, exportando mais de 85% da sua produção e com uma audiência a passar dos 45 mil visitantes.

Entre os altos e baixos do sector, de conjunturas que mudam cenários económicos, também a Micam regista a saída e depois o regresso de inúmeras marcas com nome no sector.

Facto que evidencia o dinamismo que se sente nesta indústria - onde o comércio on line já ganha posição - cresceu no último ano em mais de 5% - apesar dos efeitos preocupantes de uma baixa de 3,7% nos negócios, por dificuldades registas em alguns mercados.

O sector do calçado continua a ter uma crescimento de mais de 8% e a Micam registou este ano a presença de 1303 expositores, sendo 695 italianos - o que a confirma como grande certame de Itália - mais 608 estrangeiros que enriquece o seu estatuto de evento com escala global.

As empresas portuguesas não descuram a presença na Micam, apesar das transformações no modelo de distribuição dos sapatos, dos negócios *online*. E Portugal continua a ter uma presença bem numerosa, em cujo contigente estão as marcas e empresas vimaranenses nomeadamente: Ambitious, Campobello, Coxx-Borba, Darita, Eureka Shoes, Fly London, Paradigma, Softinos, Take a Walk, Quarvif, Overstate.

Todas e cada uma com produtos interessantes que seguem a pegada deslumbrante, de qualidade e de confecção mais complexa, alinhando pela tendência do mercado marcada por um *design* moderno, atrevido e vivo. ■

Kyaia investe em mudar o processo de venda

Shoeplay para retalhistas e Rawcube 100% digital

▶ As soluções digitais para a indústria do calçado surgem aqui e ali. E a Kyaia mostrou na Micam uma nova aposta: uma nova plataforma e uma marca digital.

Kyaia diversifica aposta no calçado.

É uma plataforma B2B - *Business to Business* - qual recanto digital para as marcas dos retalhistas. É a aposta seguinte à Overcube, onde o consumidor pode comprar os seus sapatos e artigos de moda. E que a Kyaia lançou recentemente.

A plataforma apresenta-se como um *showroom* virtual que pode transformar o processo de comercialização do calçado, dotada que está de valências que o tornam mais rápido, mais flexível e com menores custos. Destina-se aos pequenos e grandes retalhistas.

Neste caminhar para o digital, a o grupo Kyaia lança a Rawcube uma marca de sapatos 100% digital, alterando o paradigma das vendas para processos mais simples de comprar que os retalhistas beneficiem. A produção do sapato ainda passa por várias fases, desde a escolha e compra do material que é feito, ao desenho, fazer uma amostra e mostrá-las nas feiras, dar-lha a conhecer aos vendedores por todo o mundo e aguardar resultados da força de vendas para entrar na produção mais intensiva. Um processo longo que até a Inteligência Artificial pode encurtar com o contributo de tecnologias e processos digitais.

A aposta num novo processo digital e numa nova marca, deixam no ar a ideia de que a Kyaia quer acompanhar uma tendência que se começa a desenhar no sector: a de que o calçado vende-se quando o consumidor quer. Daí que com a ajuda das alterações climáticas, dos hábitos dos consumidores, a sazonalidade das duas colecções Primavera/Verão e Outono/Inverno possa estar em causa. E as empresas produtoras de calçado rotinadas que estão na sua organização de viver com esta realidade, podem ter que olhar para a frente e para uma nova realidade. Este é o entendimento de Amílcar Monteiro, sócio-gerente da Kyaia, grupo vimaranenses com mais de 600 trabalhadores e um volume de negócios de 55 milhões de euros.

A plataforma onde se desenvolverá este novo produto será conhecida como Shoeplay. Admite-se que haja uma poupança de oito meses neste processo de produção e distribuição/venda, um prazo que e a realidade hoje, de um processo tradicional que a era digital pode transformar. ■

DIGITAL
O sector do calçado está a dar passos no caminho da digitalização do seu processo de vendas.

EMPRESAS

Movimento empresarial à lupa

Agosto menos dinâmico

Texto de: José Eduardo Guimarães

A criação de empresas em Agosto foi diminuta.

O QUE MUDOU NAS EMPRESAS VIMARANENSES EM AGOSTO DE 2019

INFOGRAFIA: GUIMARÃES, AGORA!

▸ Há 10 novas sociedades em Guimarães mas cinco acabaram dissolvidas no mês de Agosto.

Há dez áreas em que as novas empresas definiram a sua actividade e negócio: imobiliária, construções e reabilitação imobiliária, comercialização de comércio electrónico, transporte ocasional de passageiros, agente de comércio têxteis, pastelaria e casas de chá, compra e venda de imóveis, construções e reabilitação imobiliária, comércio de têxteis, gestão de espaços e edifícios, comercialização de material electrónico e indústria de padaria.

Das 10 empresas criadas há mais comerciais e serviços e apenas duas industriais.

Também se pode dizer que uma empresa tem sócios brasileiros e dedica-se ao transporte ocasional de passageiros.

A empresa de padaria e afins, com sede em Polvoreira, tem o capital social maior, ou seja, é uma sociedade atómica com 1.230.770€.

Relativamente à sua localização, o gráfico ao lado mostra onde se instalaram. Apenas duas empresas aumentaram o seu capital. ■

Departamento de Desenvolvimento do Território ● Divisão de Gestão Urbanística

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

AVISO
PROCESSO Nº. 157/11

FERNANDO JOSÉ BARROS PACHECO SEARA DE SÁ, Vereador da Câmara Municipal de Guimarães, com competências delegadas e subdelegadas para o efeito, faz público, em cumprimento do disposto na alínea a) do n.º 2 do artigo n.º 78.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que a Câmara Municipal de Guimarães emitiu em 2019/05/06, o ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 9/19, em nome de DOMINGOS DE FREITAS & FREITAS, LDA, pessoa coletiva n.º 504276689, com sede na rua 24 de Junho, n.º 53, freguesia de Aldão, concelho de Guimarães, através do qual é licenciada a operação de loteamento e as respetivas obras de urbanização, que incide sobre o prédio sito no lugar da Pigarreira, freguesia de Aldão, descrito na Conservatória dos Registos Predial, Comercial e Automóveis de Guimarães sob o n.º 474/Aldão e inscrito na matriz predial rústica sob o artigo n.º 5, da respetiva freguesia. Área abrangida pelo Plano Diretor Municipal.
OPERAÇÃO DE LOTEAMENTO COM AS SEGUINTES CARACTERÍSTICAS:
- Área do prédio a lotear: 3.050,00m2
- Área total de construção: 1.279,00m2
- Volume total de construção: 3.837,00m2
- Número de lotes 3, com as áreas de 875,20m2, 1.027,70m2 e 893,10m2
- Números de pisos máximos: 2
- Número de lotes para habitação: 3
- Número de fogos total: 6
- Área de cedência para o domínio público municipal 254,00m2 de terreno, destinados a passeio, de acordo com a planta arquivada nos serviços da Câmara Municipal.
Para conclusão das obras de urbanização foi fixado o prazo de 1 ano.
Para conhecimento geral se publica o presente Aviso em jornal local.
Paços do Concelho de Guimarães, 06 de Maio de 2019
O Vereador,
(COM COMPETÊNCIAS DELEGADAS E SUBDELEGADAS PARA O EFEITO POR DESPACHO DO PRESIDENTE DA CÂMARA DE 19-10-2017)
Fernando Seara de Sá

Plano de investimentos é de cerca de 20 milhões de euros

6,3 milhões para o eixo viário Fermentões-Aldão

▸ O financiamento do investimento da Câmara em obras de requalificação de vias ficou assegurado com a aprovação do empréstimo, pela Assembleia Municipal, na última reunião.

A Câmara ficou com mãos livres para executar as obras de requalificação de vias municipais, com alguma dimensão e importância, incluídas no seu plano de investimentos.

São mais de 19,7 milhões de euros para 21 obras que vão entrar em concurso, de modo a que possam ser executadas num calendário sem prazos - dadas as condicionantes dos concursos públicos. E segundo a vontade política de Domingos Bragança que, como é público, é também o vereador do DOM - Departamento de Obras Municipais, de quem depende a execução deste plano. Adnite-se como razoável que este plano se cumpra nos próximos dois a três anos.

Algumas já têm projecto, outras têm apenas estudos. A mais onerosa é a do centro cívico das Taipas com um orçamento de 4,697 milhões de euros e a mais barata é a via de acesso à auto-estrada, em Serzedelo, com um orçamento de 140 mil euros.

Há obras de requalificação importantes em duas vias com intensidade de tráfego intenso que servem zonas industriais e aglomerados populacionais: o reperfilamento da estrada municipal que liga a rotunda de Fermentões a Selho S. Lourenço, passando por Penselo - a mais degradada das vias do concelho, com inúmeros cortes laterais e longitudinais por obras de saneamento e abastecimento de água, altos e baixos, buracos, que torna a condução perigosa e castigadora da boa saúde das viaturas. Esta via serve a zona industrial de Pencelo e a zona industrial de Selho S. Lourenço e terá um orçamento de 3,5 mil euros.

Esta obra será complementada com a requalificação do espaço público associado ao parque industrial de Pencelo/Selho S. Lourenço, também em estado de degradação máximo, com inúmeras crateras no solo, e a justificar plenamente uma intervenção.

Uma terceira empreitada, no valor de 1,8 mil euros vai ligar a saída de Selho S. Lourenço (às portas do Xavi) a Aldão, com a construção de uma rotunda que vai diminuir as filas de trânsito que se formam na estrada de S. Torcato-Guimarães, num eixo rodoviário intenso em horas de ponta. A rua principal de acesso a Aldão será também requalificada.

A Câmara investirá neste corredor cerca de 6,3 milhões de euros, o que tornará aquelas vias em autênticos tapetes, devidamente resguardados com escoamento de águas e condutas de saneamento.

A ligação a Mouril, com um orçamento de 1,3 milhões de euros é também uma obra que vai libertar o tráfego na estrada Silvares-Pevidém, com o trânsito oriundo de Candoso S. Tiago a ser desviado, por debaixo da auto-estrada, para a rotunda junto da entrada para a Leroy Merlin.

Noutro contexto, a requalificação da centralidade das Taipas - a mais cara deste plano de investimentos - é outra obra que terá projecção e visibilidade, acentuando a urbanidade do centro da vila. Esta obra inclui-se na Operação de reabilitação Urbana definida para as Taipas. Tal como a centralizado de Pevidém cuja requalificação de 800 mil euros, vai ordenar a mobilidade naquela via fabril. E cuja abertura de concurso já foi aprovada na reunião de 26 de Setembro.

Há mais empreitadas, com orçamento mais modesto, que se justificam pelo seu impacto local e pela renovação necessária em vias que fazem não apenas ligações no território como nas saídas para outras povoações.

O conjunto de obras incluídas neste plano de investimentos, tem um financiamento assegurado por um empréstimo que a Câmara contraiu, no valor de 12 milhões de euros, por verbas do PEDU- plano estratégico de desenvolvimento urbano - e por fundos próprios da Câmara Municipal.

São cerca de 20 milhões a distribuir por 17 freguesias de forma directamente e outras de forma indirecta, melhorarão as condições de mobilidade e sustentarão em parte um crescimento do concelho.

Recorde-se que o plano inclui a construção de Zonas 30 - previstas no Plano de Mobilidade do Concelho - com lombas redutoras de velocidade. ■

ESTRADAS
As municipais chegaram a ser as melhores da região e agora estão bastante danificadas.

A sacrificada estrada Fermentões-Penselo.

ASSINATURA ANUAL 30€

Guimarães, agora!

FICHA DE ASSINANTE

+351 93 117 39 15
assinaturas@guimaraesagora.pt

NOME:
MORADA:
CÓDIGO POSTAL:
NIF/NIPC:
TELEFONE/TLM:
EMAIL:

PODE EFECTUAR O PAGAMENTO DA SUA ANUIDADE, POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA, UTILIZANDO O NOSSO...

IBAN:
PT50 0035 0363 0011 7939 830 54
(CGD)

OU ENVIANDO CHEQUE:
Crónicaprazível Unipessoal, Lda.
Rua Dª. Maria Faria Ramos, 452
S. Torcato 4800-881 Guimarães

☐ a) Autorizo a utilização dos meus dados para receber comunicações regulares por parte do jornal **Guimarães, agora!**
b) Vamos guardar os seus dados só enquanto quiser. Ficarão em segurança e a qualquer momento pode editá-los ou deixar de receber as nossas mensagens.

ENCONTROS CGD

"Vila Flôr" cheio de empresários

Encontro *"Fora da Caixa"*

▶ A CGD trouxe os Encontros *"Fora da Caixa"* até ao CCVF e encheu a plateia com empresários da região do vale do Ave, durante uma manhã de Terça-feira.

Um painel de empresários, constituído pelo trio Vítor Abreu (Endutex), Luís Guimarães (PoloPique) e José Fernandes (Frezite), animou os Encontros *"Fora da Caixa"* que se realizaram em Guimarães, no Centro Cultural Vila Flor.

Foi um encontro informal e descontraído que serviu à CGD para auscultar, ao vivo, o pensamento dos empresários não apenas sobre a CGD em si mas também sobre alguns assuntos que afastam o norte de Lisboa, colocando os centros de decisão longe do coração do tecido económico do país.

"Até que ponto os empresários sentem que a distância com Lisboa é um problema?" O mote foi lançado pelo moderador do encontro, José Manuel Fernandes, director do jornal *"Observador"*.

Vítor Abreu, administrador da Endutex, salientou que o problema não era o da distância mas perceber *"qual é o enquadramento"* das empresas na economia. Reconhecendo que ser empresário e ter empresas em Portugal, *"não é fácil"*, Vítor Abreu defendeu que *"o ambiente que se vive à volta das empresas é o de que estas são um dado adquirido"*, o que não é totalmente verdade. Quando se fala da *"precariedade"* no mundo do trabalho também se devia *"falar na precariedade das empresas"*. E as duas duas coisas estão ligadas.

O empresário classificou os *"empresários"* como barrigas de aluguer: *"devemos criar as empresas, depois de criadas vem o Estado nas suas várias vertentes a dizer que o bébé é meu, os sindicatos também e o empresário pergunta, afinal o bébé não é meu? E no final, ouve há sim você vai ficar com a pensão de alimentos…"*

A plateia sorriu, mas não pela última vez, porque os oradores haveriam de contar histórias e estórias, da sua vida diária a que pouca gente dá atenção e importância mas que influenciam a vida real das empresas.

Sobre a distância… dos centros de decisão, Vítor Abreu já não sabe se é a de Lisboa, ou Bruxelas e Estrasburgo, uma vez que Portugal faz parte da União Europeia. E admitiu não senti-la, esclarecendo que *"nunca trocaria a localização actual da Endutex para ter uma fábrica mais perto de Lisboa"*.

Deu o mote sobre como a distância entre as empresas e a administração pode ser diluída: as nossas associações sabem que o *lobby* se faz em Lisboa, em Bruxelas e em Estrasburgo não para as questões do dia-a-dia mas para os problemas que o sector enfrenta. E elencou o ambiente regulatório *"doentio"* que a administração portuguesa e europeia estabelece para as empresas, sem *"a noção do que a sua aplicação pode ter nas empresas ou mesmo o que estão a regular com esta ou aquela norma"*. Diz o empresário que *"ninguém quer saber das consequências dos regulamentos e das vantagens e desvantagens para as empresas se as aplicarem"*. Citou exemplos, como a aplicação do SAFT - o sistema de reporte fiscal sobre a facturação - que permite que o historial das empresas, de clientes, fornecedores, preços de produtos, possa estar acessível, sem qualquer segurança, pondo a nú, o que devia ser apenas um

"Nunca trocaria a localização actual da Endutex para ter uma fábrica mais perto de Lisboa."

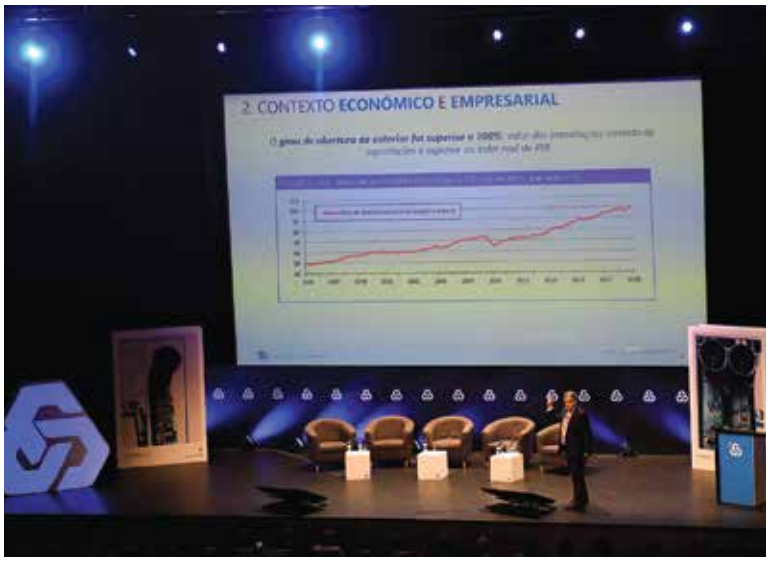
"E o empresário pergunta, afinal o bébé não é meu? E no final, ouve há sim você vai ficar com a pensão de alimentos."

Empresários mostraram realidade em que operam as empresas em Portugal.

segredo de cada empresa. Vítor Abreu disse que não querer fugir à responsabilidade de prestar contas e fornecer informação, reconhecendo que a estatística é importante, e considerou que *"a informação a prestar no âmbito da facturação devia ser mais filtrada"*, de modo a evitar que o que é vital para cada empresa possa cair nas mãos de outrem - e não apenas com o fim de combater a evasão fiscal.

José Fernandes, administrador da Frezite, por sua vez, foi crítico em relação *"dar e dar"* do Estado, por políticos e partidos que desconhecem *"a origem do dinheiro e do rendimento"*, sem cuidar de perceber o que se passa na economia real.

"Há uma dinâmica de acontecimentos na economia global que não é bem acompanhada pela administração. E que exigem uma rápida atenção de quem governa, num diálogo permanente com as empresas e empresários" - defende José Fernandes evidenciando a necessidade de a comunicação entre quem governa e legisla ou decide e quem executa e gera riqueza, ter uma margem mais estreita e mais próxima, para salvaguarda dos activos mais importantes do país.



> "E que exigem uma rápida atenção de quem governa, num diálogo permanente com as empresas e empresários."

"Essa ligação não existe e é tão importante e necessária" - disse o administrador da Frezite que quer combater o isolamento das empresas e a desinformação que se revela nos órgãos da administração. *"Na Alemanha* - o motor da economia Europeia - *estão a passar-se situações que a indústria nacional já devia saber e adoptar. Há certos inputs de legislação que se conhecem já, de modo a prever o impacto do abrandamento da economia mundial que já se sente e para o qual não se preparam medidas"*. É essa falta de proximidade, de comunicação e de conhecimento que a serem efectivos trariam mais benefícios à economia nacional. O administrador da Frezite citou casos de candidaturas ao Portugal 2020 que foram excluídas só porque a economia abranda e os incentivos orientados para elas deixaram de ser atribuídos. *"Não podemos culpar os empresários por este abrandamento, por vezes sectorial, pôr em causa investimentos programados apenas porque há sinais de que a conjuntura pode mudar"* - criticou. E justificou que é nestes casos que o governo deve ter uma orientação, de saber quais os sectores estratégicos e motores da economia nacional que podem arrastar outros sectores e subsectores. Citou exemplos, de princípios que ainda não chegaram a Portugal mas que já se praticam nos USA, Alemanha, Israel e França e que mostram como é bom estar próximo dos empresários quando há sobressaltos na conjunta económica, para tomar decisões.

PRÁCTICAS
Os empresários gostariam de ver os parceiros sociais a adoptarem boas práticas.

> "Na Alemanha estão a passar-se situações que a indústria nacional já devia saber e adoptar. Há certos inputs de legislação que se conhecem já."

Luís Guimarães (Polopique) reconheceu que *"a distância faz sempre mossa"* e lembrou que a CIP - Confederação da Indústria Portuguesa - raramente está no Norte porque só ouve os empresários da raia de Lisboa. *"Ora, como é no norte que está o motor da economia, somos nós que trabalhamos e mais sentidos os problemas, só por isso se justificaria uma ligação e proximidade com os centros de decisão"* - defendeu.

Outro exemplo, de como o diálogo permanente e a proximidade poderia resolver e atenuar problemas tem a ver com a classificação das empresas no âmbito das candidaturas do Portugal 2020. *"O norte é formado por muitas pequenas e médias empresas, uma média empresa, em Portugal, que empregue mais de 250 trabalhadores já é para a União Europeia, uma grande empresa. Mas um grande empresa portuguesa confrontada com uma grande empresa da França, de Espanha e outros países não é a mesma coisa"* - sustentou Luís Guimarães que defendeu que neste contexto os regulamentos dos fundos deviam ser revistos, sob *"pena de penalização forte das empresas nacionais"*.

Informou que há associações que estão a fazer *lobby* na Europa e criticou os governantes por nada quererem saber. *"Somos considerados grandes em Portugal mas na Europa não passamos de uma pequena ou média empresa"*- concluiu. ■

ENCONTROS CGD

Ideias para crescer e exportar mais

Diminuir custos de trabalho e aumentar salários, fabricar com valor acrescentado

▶ *"O que poderia fazer com que as empresas e o país pudessem exportar e crescer ainda mais? Que políticas públicas deveriam ser adoptadas?"*

O segundo mote introduzido para o painel responder começou com Luís Guimarães (Polopique) a interrogar-se sobre o que o país nos pode dar para sermos mais competitivos.

Para além da já conhecida frase *"deixem-nos trabalhar"*, e criar condições para, Luís Guimarães escolheu a legislação do trabalho para ver nela estampada uma nova reforma, contrariando a tese de quem governa de que as leis do trabalho já estão para além do que devia ser.

O custo do trabalho é assim o factor que mais penaliza as empresas e os trabalhadores que *"ganhando 600€ são penalizados com uma carga fiscal muito alta"*. Fazendo contas sobre o que o custo de um salário de 600€ acarreta para a empresa - quase o dobro de encargos - , Luís Guimarães admitiu que *"poucos na plateia pudessem sobreviver com apenas 600€"*, defendendo a revisão do custo do trabalho, por áreas e sectores, de modo a que os impostos não absorvam tanto os rendimentos do trabalhador.

"Se o custo do trabalho baixasse isso seria um incentivo a que mais pessoas procurassem a nossa indústria que está longe de ser atractiva porque pagamos mal", sustentou o administrador da Polopique. Reconhece, entretanto, que Portugal e os portugueses são competitivos se tiverem as condições para o fazer. *"Na Europa e em qualquer parte do mundo, os portugueses são fantásticos, e onde lhes dão tudo, eles mostram o que são. Cá dentro, não podendo pagar mais, os trabalhadores não se sentem atraídos, sobretudo mesmo os jovens, para a Têxtil"*.

Lembrou que, durante o período do *"troika"*, a Polopique criou 600 postos de trabalho e aumentou a produção para níveis estrondosos. *"Utilizamos um método de incentivos que a ACT não percebeu bem e por isso foram-nos criando contratempos"*. E tudo porque a uma maior remuneração corresponderia um aumento do horário de trabalho.

"Preocupa-me que precisando Portugal de produzir mais, exportar mais, ter uma indústria melhor e uma mão de obra que alimente essa indústria, os incentivos não existam porque o custo do trabalho aumenta e os custos de energia que deviam estar em níveis europeus, continuam a ser penalizadores para quem quer e necessita de crescimento"- disse.

Luís Guimarães defendeu que os trabalhadores deveriam ganhar mais.

Para Vítor Abreu (Endutex) a palavra *"exigir"* soa-lhe mal no ouvido. *"Se damos 50 querem 100 e por aí acima, e o que alteraria era sentir que, afinal, as empresas são um bem para o país e não um mal necessário, e quem nos governa deve-nos ouvir e estar mais próximos de nós"*.

Deu o exemplo de uma empresa do grupo no Brasil. *"A proximidade com o poder político e com o Estado é enorme, temos acesso á cúpula do poder, as decisões são rápidas, sejam positivas ou negativas"*. O empresário também deseja igualdade de oportunidades, para não ser apeando pela concorrência. *"E não sinto isso"*, contando como foi surpreendido *"quando um empregado meu me mostrou uma bola que tinha comprado para o seu filho e onde estava escrita a origem do produto: CE. A verdade é que mesmo debaixo desta sigla europeia lá estava em letras pequeninas o China Export"*. Dizendo que alertou parlamento, governo e instituições para o facto, a verdade é que nada aconteceu.

"*Dizem que são pormenores… é verdade mas o meu pai costumava dizer-me que é a última grama que faz arriar o burro"*, provocando uma boa gargalhada na sala.

O que Vítor Abreu quer é, tal como outros empresários, igualdade para competir… *"não podemos competir a nível global com regras locais"* pois é entrar numa corrida desequilibrada.

EMPREGO
As políticas públicas são vistas pelos empresários como forma de colocação e não de qualificação.

E com humor afinado, voltou a suscitar nova gargalhada da plateia ao ao dizer que "*mesmo com palmadinhas nas costas, não pode correr uma maratona com uma mochila de 50 kgs nas costas…"*

Para José Fernandes (Frezite), hoje *"a indústria é cada vez menos indústria"* e as empresas são mais agrupamentos de serviços em que predomina o valor acrescentado. É isso que diferencia o mercado e é essa a arma que as empresas portuguesas têm no mercado internacional.

Falou dos recurso humanos como uma *"área em que temos estado distraídos"* apesar do muito que fizeram empresas, universidades, escolas de negócios. Mas falta a formação intermédia, capaz de colocar os jovens nas empresas com a formação adequada. Sobre as políticas públicas de emprego, José Fernandes não tem dúvidas de que as políticas do governo o que fazem é colocar pessoas nas empresas de qualquer maneira e não fazer qualificação a sério. A Alemanha voltou a ser um exemplo a seguir pela sua política de aproveitamento e selecção dos emigrantes que chegam à Europa.

Depois a gestão do mérito, do conhecimento e da inovação tem de fazer o resto, criticando quem governa de só agir quando "*a onda bate na rocha"…*

Exortou os sindicatos e outros parceiros sociais, a terem também boas práticas. E seguirem bons exemplos, lembrando que a Alemanha tem uma legislação favorável ao trabalho ao fim de semana com compensações para os trabalhadores. ■

Guimarães, agora!

FICHA TÉCNICA
EDITOR E DIRECTOR.: José Eduardo Guimarães
DESIGN.: Eduardo André

PROPRIEDADE.: Crónicaprazível Unipessoal, Lda. | CONTRIBUINTE Nº.: 514 766 026
CAPITAL SOCIAL.: 1000 euros | EMAIL.: cronicaprazivel@gmail.com
GERENTE E DETENTOR DO CAPITAL SOCIAL.: Eduardo A. Guimarães
ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM.: www.guimaraesagora.pt/estatuto-editorial

SEDE ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E EDITOR.: Rua Dª. Maria Faria Ramos, 452 São Torcato 4800-881 Guimarães

PUBLICIDADE/ASSINATURAS.: publicidade@guimaraesagora.pt assinaturas@guimaraesagora.pt +351 93 117 39 15

COLABORAM NESTE NÚMERO.: Alberto Martins, Álvaro Oliveira, Carlos Fonseca, Helena Sousa, Mafalda Sousela, Miguel Leite, Paulo Castelo Branco e Vítor Oliveira.

IMPRESSÃO.: UniPress - Vila Nova Gaia
DEPÓSITO LEGAL Nº.: 453168/19
REGISTO NA ERC Nº.: 127 216
TIRAGEM.: 10 000 exemplares

Município aprova incentivos para o investimento

Mundifios vai instalar a sua sede em Ronfe

▸ A Mundifios adquiriu um terreno, em Ronfe, onde vai instalar a sua sede, abandonando a ideia de se instalar em Famalicão.

Mundifios vai ter sede na Vila de Ronfe.

A construção da nova sede da Mundifios, empresa que se dedica à produção e comercialização de fios têxteis, representa um investimento de 4,350 milhões de euros e a criação de cinco novos postos de trabalho.

A empresa candidatou-se aos incentivos criados pela Câmara Municipal de Guimarães que foram aprovados na última reunião de Câmara. Nos cinco anos posteriores ao início do projecto, a Mundifios vai ter uma isenção de 71% no IMI, no IMT e na redução de taxas e licenças.

A anunciada transferência da sua sede para Vila Nova Famalicão foi assim abortada uma vez que a empresa comprou à Somelos uma parcela de terreno que lhe permite instalar a sua sede numa área de cerca de 10 mil m2.

A Mundifios teve, no triénio 2016-18, um valor de cerca de 62 milhões de euros de exportações directas e de 130 milhões indirectas. Naquele período a empresa teve um investimento em I&D de cerca 600 mil euros, para uma carteira de projectos de 800 mil. Só de IRC a empresa pagou 2,33 milhões nos três anos referidos.

"A empresa opera a montante de sectores de atividade (fabricação de têxteis e vestuário) *que representam mais de 60 por cento do volume de exportações do concelho, sendo atividades económicas vitais para a região e para o País"*, justifica o despacho, referindo que a atividade da Mundifios – Comércio de Fios SA, necessita, do ponto de vista das instalações e logística, de condições que a mera atividade de comércio a retalho, não implica.

> PEIM
> **Os incentivos municipais para investimento estão a chegar às empresas vimaranenses.**

A Mundifios opera na região como fornecedora e produtora de fios e possui uma estrutura com cinco locais de armazenamento distintos (dois na freguesia de Ponte, um em Ronfe, um em Vilarinho, Santo Tirso, e outro em Famalicão) que reduzem a sua operacionalidade e gestão. Daí a justificação para encontrar um local para a sua sede.

Sobre a decisão municipal de enquadrar a empresa no contexto dos PEIM- Projectos Económicos de Interesse Municipal, a administração da empresa congratula-se com a sua permanência em Guimarães, onde nasceu e criou raízes e onde desenvolve a sua actividade.

Para além da Mundifios, outras outras oito empresas viram os PEIM's aprovados ou renegociados (ver quadro anexo), o que eleva para 16.820.930€, representando a criação de 63 postos de trabalho. ■

EMPRESA	INVESTIMENTO (€)	POSTOS DE TRABALHO	INCENTIVOS	MONTANTE INCENTIVOS
MUNDIFIOS, SA	4.350.000	5	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	71% (5 ANOS)
CANTARIAS BADIM	51.450	1	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	22%
ABÍLIO SALGADO MENDES LDª	122.786,58	2	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	22%
ACR EUROPA	9.527.205,50	38	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	84%
TERRAPLANAGENS FALCÃO LDª	226.750	4	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	22%
VELURA TÊXTEIS UNIPESSOAL LDª	1.500.000	8	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	56%
TRAÇOS SINGELOS LDª	502.739	1	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	56%
GUIMABOMBAS	300.000	1	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	36%
MARCANDE PRODUTOS QUÍMICOS	250.000	3	IMI, IMT, REDUÇÃO TAXAS	36%

BREVE

EMPREGALIDADE

Portugal é 6º e Turquia está na frente

Turquia, Roménia e Itália são as *'fábricas da Europa'* no que diz respeito ao setor do vestuário - com Portugal a surgir em sexto lugar, depois da Polónia e da Bulgária, segundo relevam os dados mais recentes da agência europeia de estatísticas, o *Eurostat*. Os três países do pódio asseguram cerca de 65,7% do total de empregos do setor do vestuário na Europa. Embora nos últimos anos algumas empresas internacionais do setor tenham aproximado a sua produção da Europa, o número de funcionários ainda está muito distante dos dados de 2009 - quando a indústria empregava 1,5 milhão de trabalhadores, revelam os números do *Eurostat*. Em 2018, havia na Europa cerca de 1,07 milhão de pessoas envolvidas na produção de vestuário, 41,6% a menos que em 2009. Com uma posição geográfica estratégica, localizada entre a Europa e a Ásia, a Turquia é o maior empregador do setor no continente europeu e um *cluster* de aprovisionamento nas proximidades. O país emprega 919.600 pessoas no setor. A Roménia é outro dos centros de confeção de moda da Europa: surge em segundo lugar e o país possui 199.400 funcionários no setor, que tem uma longa história, sendo um dos principais motores da riqueza do país - possui um dos menores custos de mão-de-obra em toda a União Europeia. O terceiro mercado na Europa é a Itália: o país mediterrânico emprega cerca de 193.800 pessoas e a cidade de Prato e um dos epicentros de roupas de baixo custo na Europa. Por seu turno, a Polónia e a Bulgária empregam respetivamente 128.500 e 115.600 colaboradores - com este último país a merecer também destaque pelos custos (pouco elevados) da mão-de-obra: pratica salários de 4,4 euros por hora. Portugal - onde a política de baixos preços e salários já não faz parte dos pressupostos do setor - surge logo a seguir, antes da Alemanha, Espanha, França e Reino Unido. ■

TRIBUNA LIVRE

OPINIÃO

Mafalda Sousela
Médica de Medicina Geral e Familiar
mafalda@guimaraesagora.pt

Os desafios amorosos do novo milénio

Nas relações amorosas não há certo nem errado. Cada um sabe de si, das suas necessidades e da sua felicidade. Nessa perspetiva, todos os motivos são válidos para iniciar, manter ou terminar uma relação. E assim tem sido ao longo dos tempos e da história da Humanidade. Nesta era maravilhosa do pós-modernismo trazida pelo novo milénio, os indivíduos querem ser definitivamente *"fora da caixa"*, procurando novos (in)formalismos e desafiando conceitos pré-estabelecidos pelas gerações anteriores, do *"black or white"*, citando o Michael Jackson dos anos 90. Estes desafios e desconstruções são saudáveis, ajudam-nos a evoluir e os *millennials* não fazem mais que o seu devido papel como geração vindoura se não o de se assumir antissistema e o de reinventar o modo como nos inserimos e revemos na sociedade. Nesse enquadramento, a identidade sexual e a sexualidade são conceitos cada vez mais líquidos, ou seja, os alicerces e códigos sociais vigentes são perspetivados como cada vez mais diluídos e voláteis e é mais do que nunca prezada a individualidade e a liberdade pessoal. Já nada é dado como certo. O Paulo de hoje pode ser a Mariana de amanhã ou o que quer que lhe apeteça, desde que se sinta bem com a sua identidade. Já nem tudo tem de cair em padrões. Esta tendência naturalmente também afeta as relações amorosas, que são cada vez mais livres. Surgem agora com maior força as relações não-monogâmicas. Estas englobam desde o amor livre, no qual os indivíduos rejeitam rótulos ou convenções como o casamento e o compromisso relacional, até ao poliamor, em que há relação emocional entre múltiplos elementos,

> Estes desafios e desconstruções são saudáveis, ajudam-nos a evoluir e os *millennials* não fazem mais que o seu devido papel...

passando pelo relacionamento poligâmico (um elemento tem intimidade relacional com vários outros – não inclui os casamentos tradicionais em que existe relacionamento extra-conjugal não consentido pela outra parte) e o relacionamento aberto (os elementos de um casal acordam em ter relações sexuais com terceiros). Estes novos tipos de relacionamento ameaçam o casamento monogâmico tradicional, que não consente terceiras pessoas na união (pelo menos na cultura ocidental). Mas também podem acabar com a tradicional prática de adultério, uma vez que são considerados relacionamentos honestos.
Mas é preciso prudência, maturidade e uma boa lista de regras predefinidas para o casal que pretenda fazer a transição, de modo a defender o bem-estar de todos, incluindo o dos terceiros elementos, cujo papel é tão importante que não deve ser negligenciado. E se o casamento monogâmico pode ser apontado como sinónimo de castração da liberdade individual, também uma relação mais aberta pode ser ilusória desse ponto de vista. É que a liberdade de cada um é mais limitada quanto mais elementos estiverem envolvidos e uma bonita relação pode acabar numa arriscada geringonça. Mas, como posto anteriormente, todos os motivos são válidos e cada um sabe de si e em qualquer caso a felicidade pode sempre escrever direito, mesmo que por linhas tortas.

OPINIÃO

Miguel Leite
Fisioterapeuta
miguel@guimaraesagora.pt

Tic Tac

Vivemos em tempos em que a espera é considerada uma inimiga do ser humano, isto porque, o ritmo alucinante com que levamos o nosso dia a dia não nos permite sequer valorizar o ar que respirarmos. Quem já não desesperou numa fila de trânsito, na segurança social, numa consulta médica ou até mesmo à espera de uma carta dos CTT. A *"pressão de ter que viver rápido"* que nos é induzida pelo ambiente social em nosso redor, é de tal maneira gigantesca que o saber esperar é realmente um dom. No enquadramento da Fisioterapia a espera também existe, e que importante é saber lidar com a mesma. Se direcionarmos este facto para a realidade da existência de uma determinada patologia, verificamos que vive por de trás da mesma um processo fisiológico com uma evolução cronológica que necessita de ser respeitada para que no final exista sucesso. Existe uma infinidade de alterações patológicas que podem surgir a qualquer momento, e no seu processo de recuperação, observamos um conjunto de etapas que têm de ser criteriosamente *"protegidas"*. Todas as estruturas anatómicas (músculos, tendões, ossos, ligamentos, entre outros) apresentam diferentes *timings* de recuperação (devido às suas características individuais), e muitas vezes a utilização de protocolos acelerados e desapropriados podem provocar danos irreversíveis no indivíduo. A importância prévia da explicação do (a) processo/técnica que vai ser aplicado ao paciente durante a jornada de reabilitação, bem como, dos seus mecanismos de ação fisiológicos, são fundamentais para que este entenda o porquê da utilização das mesmas

> O tempo não pode ser visto como nosso carrasco, mas sim como um indicador fundamental e um guia primordial em todo e qualquer caminho...

e do tempo que vai ser necessário para que haja eficácia na sua recuperação. O tempo neste caso é sinónimo de qualidade! O nosso corpo é seletivo na receção de determinados estímulos, sendo que, e apesar da evolução tecnológica atual, continua a haver transformações internas que necessitam do seu tempo para se modificarem, e a aplicação do tratamento deve respeitar isso, mesmo que exista *"pressa"* por parte do paciente e demais entidades na recuperação rápida do indivíduo. Muitas vezes somos questionados sobre a duração de um determinado tratamento para uma qualquer patologia, ora, a resposta deve ter um cenário temporal aproximado, pois os intervalos de tempo existem para isso mesmo, independentemente da *"pressão"* que nos é colocada. Enquadrar a resposta fisiológica de um indivíduo para uma determinada patologia; as características da patologia; a seleção da técnica, a frequência do tratamento; o profissional de saúde que a executa; as condições do espaço físico onde é desempenhada a tarefa, são algumas das condicionantes que devemos ter em conta. O tempo não pode ser visto como nosso carrasco, mas sim como um indicador fundamental e um guia primordial em todo e qualquer caminho que vise uma reabilitação segura e eficaz para o paciente.

OPINIÃO

Paulo Castelo Branco
Arquitecto
paulo@guimaraesagora.pt

Clic!

Não sou adverso às redes sociais per se – de certo modo, são o retrato destes tempos expondo as verdades, meias-verdades e inverdades de um mundo mecanizado... A parte menos positiva (a existir) reside na falta de moderação, na substituição do contacto pessoal e da socialização afectiva pela crítica feroz ou pelo coleccionismo de amizades - à distância de um *clic*! As pessoas de hoje vão a toda a parte e à Póvoa, ao Shopping, a restaurantes, pouco valorizando o colectivo! Não frequentam *"espaços do passado"* nem se ocupam demasiado com as (pouco divertidas) necessidades da sua vila ou cidade - então os políticos não são eleitos (por metade da população votante) para que façam o seu trabalho? Além disso a vida, curta, confronta-nos diariamente com o efémero abrindo os apetites a um consumo desenfreado... Este é (ainda) um dos *"paradigmas"* do século. Recentemente fui convidado a executar um plano de reabilitação urbana do centro de uma Vila. Este outrora emblemático espaço exigiria, simultaneamente, a requalificação espacial e social do sítio; porque abandonaram as pessoas estes locais e porque hão-de sair agora do seu espaço de conforto para calcorrear sítios que mentalmente descartaram? A mobilidade profissional, o declínio da religião, as necessidades dos jovens, os hábitos de consumo e o acesso *clic* a serviços, vieram alterar um modo de vida ancestral, supostamente bucólico, que as *"mentiras da memória"* iludem - na verdade o antigamente não era melhor... Mas parecia mais perene! Não conhecendo varinhas mágicas para os problemas contemporâneos limitamo-nos a fazer perguntas: qual o sentido do espaço público na Era do Digital? Há, ou não, um Lugar mais abrangente que a nossa casa a que podemos chamar nosso? E esse sítio, ainda que desactualizado pode, se reabilitado, reintegrar-se nos hábitos dos cidadãos promovendo uma redescoberta do outro e da comunidade? Os lugares simbólicos, onde se encontram alguns dos pontos notáveis da memória colectiva, oferecem a possibilidade de afirmação identitária, serviços, cultura, lazer, desporto; é hoje comum os passeios, parques e vias cicláveis constituírem-se como válidos substitutos do ginásio. Os movimentos, fluxos vivos de usufruto do espaço público linear reconvertem a imagem canónica da Ágora, ou do jardim, numa espécie de teia ou rede que se assemelha às especificidades da vida actual. E nesta Vila, como na generalidade dos lugares, religar pessoas e espaços parece possível se bem equacionado. Este exercício, de que ainda não se conhece o efeito prático, gozou da franca participação dos poderes temporal e secular e do cair de *"fronteiras"* para instalação da rede, das conectividades estratégicas, potencializando-se uma nova dimensão e atractividade do tal Lugar, a casa comum para usufruto da comunidade. Entretanto, no processo, redescobriu-se um singelo mas expressivo património de tradições e edificações submersas pelo tempo que ali sempre estiveram a aguardar o despertar – à distância de um *clic*!

Não frequentam *"espaços do passado"* nem se ocupam demasiado com as (pouco divertidas) necessidades da sua vila ou cidade... “”

OPINIÃO

Helena Sousa
Numerológa & Coach
helena@guimaraesagora.pt

Numerologia Setembro

Este ano de 2019/12/3 traz-nos a seguinte mensagem *"teremos oportunidade de perceber o que está bem e mal na nossa vida, para que entendamos que a nossa evolução individual e coletiva faz-se na medida em que somos coerentes com a nossa verdade"*. Seremos desafiados a dizer o que sentimos de forma assertiva e integra e com isso resolvermos muitas situações que estavam pendentes, desde ao nível relacional, pessoal, familiar até ao nível profissional. Pelo diálogo, podemos construir pontes de entendimento e pela criatividade, vermos soluções e caminhos que até então não conseguiamos. Por isso, este ano, diz-se ser um ano expansivo, pois a nossa expansão implica crescimento e crescimento implica largar o que já não faz sentido, para abraçar o que é válido para o nosso propósito e missão. Tudo o que envolva a empatia, a colaboração, unir, estabelecer consensos, a par de iniciativas para um mundo melhor, faz parte da numerologia deste ano, assim como, resolvermos conflitos e situações pendentes com as pessoas da nossa vida. Setembro! Mês de fechos, balanços mas também de alinhamento com a vibração do ano 2019/12/3. Tudo aquilo que nos pede expansão, criatividade e ver o melhor lado da vida, intensifica-se neste mês. É um mês que vem tudo ao de cima, assuntos até do passado, para colocarmos cada coisa no seu lugar. Aceitar e perdoar serão temas centrais, assim como entender que cada coisa é como é - o que não tem remédio, remediado está. Sentir a dádiva da vida e o muito que ainda há por viver será outro chamamento para este mês, assim como criarmos novas páginas no livro da nossa vida. O diálogo será crucial, pois através deste dores serão curadas, mal entendidos resolvidos e conflitos apaziguados. Teremos mais oportunidades de perceber o poder da palavra e a paz de espírito quando simplesmente expressamos a nossa verdade. Os olhos também falam e expressam a linguagem do coração e do bem querer mútuo e não há nada mais poderoso do que isso. Que neste mês o teu olhar se centre na melhor criação que tens em mãos, a tua vida, os teus afetos, e os teus projetos. Pois tu próprio/a és a Criação.

A nossa expansão implica crescimento e crescimento implica largar o que já não faz sentido, para abraçar o que é válido... “”

TRIBUNA LIVRE

OPINIÃO

Álvaro Oliveira
Advogado
alvaro@guimaraesagora.pt

Comunicação social portuguesa

Quando andava na faculdade, nos finais dos anos 80 e princípios dos anos noventa, li um interessante artigo de Opinião no jornal espanhol El País, sobre Portugal. No início dos anos 80, Portugal e Espanha eram países em vias de desenvolvimento. Tínhamos uma rentabilidade per capita inferior aos cinco mil dólares. Mas, para além de sermos países de emigração, vivíamos de costas um para o outro. Para Portugal, Espanha mal representava 5% do comércio exterior e, as trocas comerciais eram maiores com França, Alemanha, Reino Unido, Itália e Estados Unidos. No fundo, esse artigo de opinião era mais um demonstrar como os dois países vizinhos que entraram juntos para a então Comunidade Económica Europeia (C.E.E.) evoluíram. Por altura da adesão à Comunidade Europeia, Espanha era a quinta maior economia e Portugal a décima. Entre os diversos problemas que afetavam estruturalmente Portugal e Espanha, houve 2 que se destacavam: no lado da Espanha, a elevada taxa de desemprego; do lado de Portugal, a falta de infra-estruturas. Mas da análise dos vários pontos críticos feita por aqueles jornalistas espanhóis sobre a evolução de Portugal nos 5 anos de Comunidade Europeia, houve um que achei particular piada pela forma assertiva como foi dito e que me obrigou a estar atento e a dar razão a esses jornalistas. E o ponto foi este: Portugal demonstra ainda ser um país atrasado, quando as manchetes dos jornais generalistas portuguesas são sobre futebol. Adiantavam aqueles jornalistas que, era impensável, ainda nos anos 90, o El País, o Le Figaro, o Le Monde, o Guardian, o Times, o Bild, etc., destacarem na sua capa um jogador de futebol. Aliás, iam mais longe: era impensável dar sequer destaque a uma notícia de desporto (naturalmente, com a exceção de um grande feito, do género a seleção tornar-se campeã do Mundo, ou uma medalha de ouro olímpica), ficando a secção desportiva relegada para as últimas páginas. Curiosamente, comecei a prestar atenção a esse ponto, e verifiquei que tal correspondia à verdade: Eram assim todos os jornais da época: o Jornal de Notícias, o Diário de Notícias, o Comércio do Porto, O Primeiro de Janeiro, o Correio da Manhã, o Público, etc. Na altura, em conversa com amigo meu sobre este fenómeno disse-me que o seu irmão tinha estado um ano nos Estados Unidos a fazer um curso de televisão, andando por várias estações de televisão e rádio a estudar os mais variados programas. Contudo, quando chegou a Portugal sentiu que estava em Portugal quando chegou a casa, ligou o televisor e no Telejornal estava a ser entrevistado o Sousa Cintra. Na verdade, hoje como naqueles idos dos anos 90 do século passado, tirando os jornais já extintos e o Público, nada mudou. Os jornais portugueses continuam a ter a mesma filosofia de 1991, dando demasiado relevo às notícias sobre futebol e menos à vida política atualizada. Os telejornais continuam a dar relevo exagerado ao futebol. Ainda hoje, como disseram os jornalistas espanhóis, as nossas comunicações sociais mantêm o seu atraso em relação aos restantes países europeus, nada mudou. Em Espanha também não: continuam a ter uma taxa de desemprego elevada.

> As nossas comunicações sociais mantêm o seu atraso em relação aos restantes países europeus, nada mudou...

OPINIÃO

Alberto Martins
Empresário
alberto@guimaraesagora.pt

JUNTAR+ Saúde e Economia Circular

São Torcato tem trilhado um caminho de forte aposta na sustentabilidade ambiental, fundamentalmente através de políticas de sensibilização e proteção. Um grande exemplo disso mesmo, foi a implementação do Projeto Zero - copos reutilizáveis da Vila de São Torcato. No entanto outros projetos de grande impacto estão a ser trabalhados e neste âmbito destaco o projeto JUNTAR+ do fundo ambiental. A Junta de Freguesia de São Torcato apresentou uma candidatura a este fundo, tendo sido a única Junta de Freguesia de Guimarães a ver a mesma ser aprovada. Uma vitória que permitirá implementar um projeto no âmbito da economia circular e ao mesmo tempo de cariz social. Assim até ao final do ano será desenvolvido e implementado na Junta Freguesia um espaço de bens de saúde reutilizáveis. Esta é uma carência devidamente identificada, uma vez que grande parte dos pedidos de ajuda de âmbito social efetuados à Junta de Freguesia estão ligados com a saúde. Como sabemos o acesso a este tipo de bens é extremamente difícil, sobretudo devido ao preço elevado e à espera exasperante quando solicitado à Segurança Social. Desta forma será possível obter e utilizar bens de saúde e puericultura de forma gratuita e no final da sua utilização voltarem a ser disponibilizados à população que os solicite. O objetivo é portanto, servir a população e potenciar a economia circular. Deste rol de bens farão parte por exemplo canadianas, cadeiras de rodas, camas articuladas, esterilizadores ou carrinhos de bebé. Estou certo que este é o caminho, criar sinergias entre entidades e entre objetivos, neste caso o ambiental e o social. São Torcato terá assim o 1º banco deste tipo de bens e estou certo que o mesmo permitirá esbater desigualdades sociais e melhorar a qualidade de vida dos Torcatenses.

> Utilizar bens de saúde e puericultura de forma gratuita e no final da sua utilização voltarem a ser disponibilizados à população...

OPINIÃO

Carlos Fonseca

carlos@guimaraesagora.pt

Reflexões sobre a Cidade

Campos electromagnéticos - reflexos na saúde

Apesar de invisíveis ao olho humano, no ambiente em que vivemos há campos electromagnéticos por todo o lado - de origem natural e artificial. Os campos eléctricos são produzidos pela acumulação de cargas eléctricas em certas zonas da atmosfera por causa das trovoadas; quanto ao campo magnético terrestre, este provoca a orientação das agulhas das bússolas e os pássaros e os peixes utilizam-no na sua orientação - estas são as fontes naturais dos campos eléctrico e magnético. Quanto às fontes artificiais geradas pelo homem - e que também constam deste espectro - integram, a electricidade da corrente, que gera campos de frequência baixa, e outros tipos de onda, como onda rádio utilizada para transmitir informação quer seja por antenas de televisão, de telemóvel, estações de rádio, de frequência alta. A exposição a estes campos não é um fenómeno recente. No entanto no século XX tem vindo a aumentar de forma acelerada e continuada, resultado do progresso da electricidade, tecnologias, assim como das alterações nos hábitos sociais - hoje estamos expostos a muitas fontes artificiais de campos electromagnéticos. Apesar do organismo dispor de mecanismos próprios que lhe permitem adaptar-se e ajustar-se às mais variadas influencias do meio que o envolve, ao longo dos últimos anos têem-se levantado muitas dúvidas quanto aos efeitos nefastos para a saúde de fontes de campos electromagnéticos como postes e linhas de alta tensão, fornos micro ondas, radares, telemóveis e respectivas antenas, etc. Muitas patologias têm vindo a ser associadas à poluição electromagnética, como dores de cabeça, fadiga, insónias, cataratas, dificuldades de concentração, depressões, e neste sentido tem sido realizada muita investigação nesta área. Muitos estudos têm associado a exposição a campos electromagnéticos e o risco de leucemia, principalmente infantil (conclusão de estudos de vários investigadores publicadas no *British Journal of Cancer*, 2000; conclusões de grupos de estudo do *National Radiological Protection Board*, 2001, entre outros). Em 2002 a *Agência Internacional de Investigação do Cancro* publicou uma monografia na qual os campos electromagnéticos são classificados como possivelmente carcinogenicos para humanos; foi baseada na análise de dados de estudos epidemiologicos que demonstram um padrão consistente no aumento de duas vezes na leucemia infantil, associado a uma exposição média residencial, a campos magnéticos na frequência da rede, acima de 0,3 a 0,4 micro Tesla. A organização Mundial de Saúde concluiu que estudos adicionais desde essa data, não modificaram esta classificação. Outros estudos estabeleceram relação directa entre exposição a campos electromagnéticos, assim como as interferências com o campo magnético natural terrestre, à diminuição da resistência do sistema imunológico - tornando-nos mais vulneráveis a determinadas doenças. Face a este quadro, alguns países têm vindo a adoptar medidas no sentido da proibição da implantação de antenas na proximidade de locais sensíveis - como escolas, hospitais, ou zonas habitacionais. Em caso de necessidade extrema solicita-se às operadoras para implementarem nesses locais uma radiação mais fraca possível. Recentemente, numa conferência no Museu de Serralves, o médico patologista Sobrinho Simões declarava que, sendo um homem de ciência não se pronunciaria sobre ondas invisívieis, mas que na maioria dos cadáveres que disseca constata que os tumores se localizam sobretudo do lado direito do cérebro (a respeito da utilização de telemóveis). Acrescentou ainda que, não usa telemóvel. Neste momento a suspensão da implementação de sistemas de micro ondas 5G foi levantada em Bruxelas, Florença, vários municípios de Roma, várias cidades na Suíça, na Holanda e na Rússia. Sobre estas micro ondas cerca de 2000 cientistas e 1400 médicos de todo o mundo já denunciaram a ameaça directa à saúde humana, animal (veja-se a morte de pássaros quando expostos a esta radiação), e vegetal que sujeitos, sobretudo nas áreas urbanas a elevadas e involuntárias doses de exposição à poluição electromagnética. Sabemos que para a implementação deste sistema terão de aumentar o sinal de forma exponencial (imaginem os danos sobretudo nas crianças cujo cérebro ainda está em formação). Esta tomada de consciência dos efeitos nefastos da implementação deste sistema dito *"avançado"* é urgente para a prevenção e protecção dos cidadãos à exposição ao elevado perigo de uma tecnologia não testada e cujas repercussões na saúde e bem estar não têm precedentes. Sabendo que a Organização Mundial de Saúde estima que 3% da população mundial sofre de hipersensibilidade electromagnética e face aos alertas da comunidade médica e científica internacional teremos de reflectir se queremos ou não a implementação deste sistema na nossa cidade - antes que seja demasiado tarde.

> A Organização Mundial de Saúde estima que 3% da população mundial sofre de hipersensibilidade electromagnética...

30€

ASSINATURA ANUAL

guimaraesagora.pt

assinaturas@guimaraesagora.pt

+351 93 117 39 15
96 986 11 82

ESTATUTO EDITORIAL:

"Guimarães, agora!" é um jornal mensal que se edita em formato de papel, uma vez por mês; a sua edição online e em formato digital terá actualizações constantes em função da actualidade. Assume-se como jornal independente e livre.

A procura da verdade e o relato que dela faz é subordinada aos factos, nunca permitindo qualquer condicionamento da informação que veicula por interesses partidários e económicos ou lógica de grupo, sendo responsável apenas para com os seus leitores.

"Guimarães, agora!" nem se inspira em qualquer religião, nem assume uma orientação política e partidária, independentemente do seu próprio olhar sobre Guimarães e região, o país e o mundo.

"Guimarães, agora!" orienta-se pelo princípio da dignidade da pessoa humana e pelos valores da democracia, da liberdade e do pluralismo.

A liberdade estará no centro das suas preocupações e a defesa de uma sociedade aberta, com instituições respeitadoras da lei e dos direitos individuais será escopo da sua acção. Acreditamos que o desenvolvimento harmonioso tem de ser inclusivo e não discriminatório.

"Guimarães, agora!" quer contribuir para uma opinião pública informada e interveniente, valorizando a irreverência e a inovação, a controvérsia e a discussão franca e sem complexos ou tabus.

"Guimarães, agora!" será um jornal para um público de todos os meios sociais e de todas as profissões. E procurará fórmulas atrativas, inovadoras e pertinentes de apresentação da informação, mas dispensando o sensacionalismo.

"Guimarães, agora!" estará na linha da frente do processo de mudanças tecnológicas e relacionais, sempre atento à inovação e promovendo a interação com os seus leitores.

"Guimarães, agora!" tem um compromisso assumido com o cumprimento da lei de imprensa e outras e com o respeito absoluto do Código Deontológico dos jornalistas que se compromete a cumprir. E acredita na boa fé dos seus leitores.

Guimarães, agora!

CONTINUÁMOS A USAR O ANTIGO ACORDO ORTOGRÁFICO NA REDACÇÃO DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS.

32

PÁGINAS A CORES

10 000

EXEMPLARES

Guimarães, *agora!*

ANUNCIE AQUI:

+351 **93 117 39 15 | 96 986 11 82**

publicidade@guimaraesagora.pt

www.**guimaraesagora.pt**